

ANEXO X – Entrevistas aos Jornalistas

Entrevistado: **Luís António Pinto Martins (E1)**

Empresa. Jornal *O Interior*

1-Temática: *A imprensa regional revisitada pelos seus profissionais*

P- O que é para si ser jornalista na imprensa regional?

R- É uma boa profissão, porque estamos perto das pessoas, temos mais contato com a realidade do que estando nos grandes centros. Estamos eventualmente menos dependentes das agendas, dos interesses das instituições e dos partidos, embora se tentem colar muito aos jornais locais por ser a única plataforma que têm para a sua visibilidade, além dos circuitos internos. Em termos profissionais, fica um pouco aquém do que uma pessoa, com um curso de comunicação social, espera. Se em termos do jornalismo é mais aliciante, já em termos profissionais não compensa tanto: estamos longe de tudo, dos grandes jornais e de quem possa ter influência na nossa profissão. Há dificuldades em progredir também em termos de compensação financeira.

P- Quais as principais características do jornalismo que faz?

Se temos proximidade, temos que falar daquilo que nos rodeia, sobretudo das pessoas. Há uma falta de pessoas comuns no jornalismo, uma das razões de o os jornais terem tendência a perder leitores porque, eventualmente, não se revêm nos conteúdos. Em termos regionais, essa proximidade é mais facilitada porque temos de ir à procura de notícias, que não abundam, por vezes é um vizinho que nos diz algumas novidades. Tentamos fazer isso, de mobilizar as fontes comuns, embora seja difícil concretizar-se porque essas tais fontes estão interessadas em aparecer porque ainda existe o anátema de não quererem ver o nome nos jornais, porque está associado a uma coisa negativa: vigora um pouco essa ideia de que ter o nome no jornal é negativo, sobretudo nas pessoas mais idosas.

P- Quais são os principais valores pelos quais orienta a sua conduta ética?

Rigor, bom senso e imparcialidade, embora este seja um conceito muito difícil de identificar porque somos sempre influenciados por uma parte ou outra das fontes de informação. Daí o uso bom senso. Ajuda muito. Depois a noticiabilidade, que basicamente são coisas diferentes das rotinas.

P-E quais considera serem os valores para os outros OCS da Guarda?

Penso que esses valores são salvaguardados, na generalidade dos outros OSC, embora falta, por vezes, o bom senso.

P- Qual a função mais importante do jornal para que trabalha?

Tentar o mais possível falar da região que cobre, distrito da Guarda e Cova da Beira. Tentar fazer com que os assuntos que trata interessem às pessoas, do dia-a-dia, e não a agenda dos assuntos que outros querem que aparecem nos jornais. Informar, formar através da opinião diversa de colaboradores que ajuda a formar ideias dos leitores.

P- Quais os temas ou assuntos que mais correspondem ao perfil do seu jornal?

Têm sido temas de alguma investigação, de assuntos que os outros jornais não acompanharam bem ou não acompanham. É a investigação possível, porque somos poucos (três), e investigar exige muito tempo e disponibilidade: nós não temos nem uma coisa nem outra. Para um jornal se afirmar num contexto tão competitivo, como é o da Guarda, em termos de jornalismo, teria que ser por aí.

P- Como interpreta a sua relação com as fontes de informação?

Temos fontes que nos dão dicas de trabalhos que, muitas vezes, resultam em investigação jornalística. Temos com elas uma boa relação, porque sabem, à partida, que se nos dão essa informação o trabalho será feito. Depois confrontamos essa informação com outras fontes, nomeadamente institucionais habituais. De uma forma geral, há uma boa relação com as fontes no sentido de elas pedirem que se faça um trabalho sobre algo que julgam não estar coreto ou que merece ser aprofundado. Nós fazemos esse trabalho, salvaguardando sempre a distância ou limite de isenção e rigor porque as fontes querem sempre mais do que aquilo que dizem, indicam ou sugerem.

Salvaguardando sempre esse limite de isenção, temos de pensar naquilo que as fontes pretendem quando fornecem essa informação. Essa é a relação profissional. Depois, quando precisamos de informação de entidades, há um relacionamento dual. Isto é, quando nós falamos bem ou escrevemos de forma positiva sobre alguma instituição, o acesso às fontes é mais fácil. Quando falamos de coisas que as instituições não gostam, obviamente as portas fecham e os telefones não são atendidos. Isso é complicado. Ou não noticiamos aquilo que queremos fazer, ou noticiamos com uma versão que não é completa, ideal. Não temos todas as opiniões ou posições que poderiam ajudar a formar essa notícia. Isso acontece muito, para além da relação com os jornalistas, há também o relacionamento comercial. A partir do momento que uma instituição, uma pessoa de poder ou um empresário não gosta de uma determinada notícia, e se tem uma relação comercial com o jornal essa relação é travada. Nós temos, no nosso jornal, uma situação complicada, com milhares de euros por cobrar, devido a essa situação que resulta de reações a notícias que foram publicadas. Isto cria um paradoxo: bom jornalismo pode criar dificuldades na sustentabilidade dos jornais.

P- Com que tipo de fontes mais lida para produzir informação jornalística?

Tentamos ir à procura de outras vozes porque, por norma, na comunidade são sempre os mesmos a falar e isso torna-se cansativo. Contudo, como estamos num meio pequeno, acabamos por andar sempre num círculo, são sempre os mesmos. Uma vez por outra, consegue-se ter outras versões, outras vozes, embora seja difícil porque as pessoas nem sempre estão preparadas para lidar com os jornais. Quanto mais próxima, mais representativa e credibilidade tiver uma pessoa ou instituição mais probabilidade terá de ser contactada para falar.

P- Acha que a agenda política funciona tradicionalmente como uma dependência ou já não....¹

Nós temos dado pouco enfoque à política, porque justamente são sempre os mesmos protagonistas. Sentimos que as pessoas estão cansadas do domínio da política nos media. Mas, a verdade, quem lê os jornais, sobretudo nos meios pequenos, são pessoas ligadas à política. Temos que pensar que essas pessoas são imprescindíveis, embora não lhe demos o destaque que, por vezes, se pensa: não fazemos quatro páginas sobre

¹ Pergunta não prevista no guião inicial mas que surge, naturalmente, na sequência da resposta do entrevistado.

política. Quando nós achamos que vale a pena dar algum destaque ou referência, fazemos. Mas são esses os nossos leitores. É uma estratégia para conquistar uma certa legitimação. Mas ao fim de um certo tempo de profissão, como é o meu caso (19 anos), também é preciso mudar. Antigamente, a forma de fazer jornais era contactar os bombeiros, a polícia, a política.... Hoje já temos que dar o salto para a comunidade. Até porque os leitores hoje são mais exigentes e querem saber mais que a habitual política, sentem que os políticos que temos na região pouco contribuem para mudar as coisas. Também querem assumir um papel para tentar forçar para que as mudanças aconteçam. Por isso é que algumas situações já não ficam no silêncio e são denunciadas.

P-O jornal, com esse papel, contribuiu para provocar mudanças significativas no desenvolvimento da cidade e da região?²

No caso concreto da Guarda, não. Por exemplo, os jornais foram muito críticos para o candidato do PS Joaquim Valente, em 2009, e ele ganhou com uma vantagem muito expressiva. Portando, essa mudança não aconteceu. Agora, o que acontece é que as instituições estão mais atentas ao que vem na comunicação social, às críticas e às posições das pessoas. Se um morador de uma bairro criticar a forma como está a decorrer uma obra, e se o jornal der eco disso, a câmara vai tentar concluir a obra o mais depressa possível ou tentar mudar e corrigir eventuais erros. Os cidadãos fazem, muitas vezes, essas denúncias para ver se as coisas melhoram.

P-O jornal para que trabalha dispõe de meios informáticos e tecnológicos suficientes?

Nós temos várias plataformas, a web TV, o *online* e versão em papel que está institucionalizado, o online permite-nos chegar a outros públicos e a web TV está subaproveitado porque não temos, neste momento, recursos humanos suficientes mas fazemos à medida do possível. Isto permite chegar a vários públicos e chegar a pessoas que não pensariam ler *O Interior* e apenas têm acesso a ele por uma reportagem que vêm no Interior TV ou uma notícia na versão *online*. O local é cada vez menos local e cada vez mais universal.

² Pergunta não prevista no guião inicial mas que surge, naturalmente, na sequência da resposta do entrevistado.

P- Acha que há uma cultura profissional específica da imprensa regional?

Penso que ainda não. Atualmente a maioria dos jornalistas que trabalham na IR já são licenciados na área também. Por um lado é bom, por outro é mau. O jornalista que está na Guarda, se for um bom jornalista, é igual ao jornalista que está em Lisboa ou no Porto. Nós temos casos de profissionais que saíram daqui de *O Interior* e que estão em jornais nacionais. O que está a acontecer agora é o inverso. Há cada vez mais jornalistas dos OCS nacionais que, face a situações de despedimentos e de crise, estão a enviar cada vez mais currículos para os jornais locais, para tentarem trabalhar. Um jornalista que trabalhe num bom jornal ou boa rádio local consegue trabalhar em projetos de âmbito nacional.

P- O que mais destaca, pela positiva e pela negativa, na sua experiência jornalística?

Pela negativa, o estado atual do jornalismo que está um pouco desacreditado e descaraterizado. Às vezes se cometem-se muitos erros, em termos profissionais, e as pessoas tendem a desvalorizar o jornalismo por causa disso. Há uma crise de identidade e crise de responsabilidade de alguns jornalistas porque, de certa forma, se deixa que pessoas estranhas à profissão tomem conta daquilo que é feito. Isso acontece por imperativos de ordem económica, interesses pessoais dos jornalistas. Isso é um bocado a mancha. Negativo é também a formação dos jovens jornalistas, de quem sai das universidades para a profissão.

Sinceramente, pelo que tenho visto passar aqui pelo jornal – e passam cerca de dois estagiários por ano – não me agrada muito. Não chegam preparados, e não sei porque escolheram jornalismo. Dá-me ideia de que não gostam, não têm noção do que é notícia, não leem jornais. Em termos das tarefas, não conseguem trabalhar e chegar a uma redação, esquecem-se do que aprenderam – ou deviam ter aprendido – e fazem apenas aquilo que lhe mandam. O jornalista tem que ter alguma liberdade própria para fazer uma notícia, para a propor, para contar uma história, contatar as fontes. Dá-me ideia, pelas pessoas que passaram por aqui, formadas em Comunicação, que foram atrás de uma moda, ou com expectativa de chegar à televisão ou aparecer na televisão. Como não conseguiram, são forçados a vir para a IR e não se sentem felizes, não se sentem bem, e fazem o trabalho de uma forma precipitada e atabalhoada. Acho que este vai ser o principal problema da IR daqui por uns tempos, a partir do momento em que os mais

velhos vão desaparecendo, os novos não estão capacitados para lidar com as rotinas do jornalismo.

Temática: *A imprensa regional desejada pelos cidadãos.*

P- Que papel desempenha o seu jornal na sociedade local e regional?

Informar e formar ajudando as pessoas a pensar e a refletir sobre os acontecimentos, sobre o que é dito pelas pessoas que governam, autarquias da região, e também ajudá-los a entender determinados acontecimentos. Somos sobretudo um veículo de informação e cultura.

P-Vê interesse jornalístico na identificação de uma agenda dos assuntos que mais preocupam os cidadãos?

Sim, muito interesse. Nós já tentámos fazer isso, no Verão de 2011, através do *facebook*, pedindo às pessoas que nos sugerissem temas de trabalho e curiosamente tivemos cinco sugestões no Verão todo. Dessas cinco sugestões, duas não tinham qualquer cabimento, e fizemos três reportagens que até resultaram em trabalhos interessantes. À partida não estávamos à espera de muita participação.

P-É viável produzir reportagens mais aprofundadas a partir de temas sugeridos pelos cidadãos?

O que acontece é que as pessoas não estão preparadas para sugerir assuntos, ou têm medo de sofrer represálias, medo de aparecer. Estão de certa forma ainda inibidas. Por outro lado, as pessoas que nos falam dos assuntos querem sempre tirar partido disso, têm interesse pessoal em que determinadas coisas sejam faladas. Daí que devam ser tratadas, como disse antes, com o máximo de rigor e bom senso para não se cair no engodo. O que mais para aí há é engodos.

P- Acredita na ideia de causas comuns, as pessoas dão temas de interesse público, que possam interessar a todos, ou temas muito particulares e privadas.³

³ Pergunta não prevista no guião inicial mas que surge, naturalmente, na sequência da resposta do entrevistado.

As três reportagens tinham interesse geral. Fizemos isso no Verão, porque é uma altura em que, por norma, é mais pobre em informação, podendo dessa forma ir buscar novos temas. Se fizéssemos isso todo o ano era capaz de ser complicado pois tínhamos de conciliar essa estratégia com o resto. Mas é uma ideia que não está posta de parte e é para fazer à medida que for possível.

P- Acha que essa atitude de maior proximidade com uma “agenda do cidadão” significaria uma perda de independência para si?

Não, de maneira nenhuma, à partida um cidadão terá sempre um interesse diferente do que têm os políticos. E depois o que for noticiado passará sempre pelo crivo do jornalista, ou seja somos sempre nós que decidimos se fazemos um trabalho sobre aquele assunto ou sobre outro assunto. E, de forma geral, naqueles casos das três reportagens resultantes das sugestões dos cidadãos particulares, o que se nota é que as pessoas falam das coisas que têm a ver com o seu bairro, com a sua rua, com a sua comunidade ou cidade e não coisas que não tenham diretamente a ver com elas. Há muito potencial nesta iniciativa porque se queremos aprofundar essa ideia de proximidade temos dar cada vez mais espaço às pessoas no jornal.

P- Que significado dá ao termo proximidade no contexto do seu trabalho?

Falar daquilo que nos rodeia, de quem está mais perto de nós, com quem nos cruzamos na rua, no café, no supermercado.

3- Temática: *A imprensa regional projetada no futuro*

P- Que oportunidades e ameaças enfrenta o jornal que integra?

Os novos jornalistas estão aqui como poderiam estar numa repartição pública. Não vejo interesse, não vejo gosto pela escrita, pela procura de notícias diferentes. Nós tivemos um estagiário, licenciado por uma universidade, a quem perguntei o que era para ele fazer notícias. Respondeu que era fazer agenda. Dizia ele: Digam-me o que tenho fazer que eu faço. Ora, se começarem a abundar jornalistas deste tipo, no futuro a IR não faz sentido nenhum.

Em termos de oportunidades, queremos crescer e chegar a mais gente, justamente dando mais espaço às pessoas, contando histórias de gente comum, situações que afetam e preocupam as comunidades.

As dificuldades serão, sobretudo, económicas, num contexto de crise como o atual. Um jornal depende, sobretudo, de receitas publicitárias e verifica-se uma contração. Tendo em conta a tal relação comercial com clientes, porque temos muito dinheiro por aí, que não se consegue cobrar, ou porque as empresas já faliram ou porque não querem pagar, e temos muitas ações em tribunal para reaver o dinheiro. A Guarda é uma zona muito fraca em termos de anunciantes comerciais. O que é um paradoxo porque numa cidade onde havia quatro jornais como é que eles aguentavam, com um tecido empresarial tão débil. Verificava-se uma excessiva dependência das autarquias que, entretanto, também fecharam a torneira. Quando há sustentabilidade financeira, faz-se um bom projeto.

P- Entre o aparente protagonismo da Web e o papel, qual tem futuro?⁴

Vamos continuar a ter o papel até que esse custo não seja demasiado pesado para as empresas, o que deverá acontecer mais cedo ou mais tarde. A web será o futuro, para chegar a uma geração mais nova que, neste momento, não lê jornais em papel. Os nossos leitores estão na casa entre os 30 e os 60 anos. Não temos estudos, mas pelas reações que vamos tendo, não temos leitores assíduos com menos de 30 anos. Não temos nenhum *feedback* dessa faixa etária. O *facebook* o que faz é repercutir notícias e quem está lá, em grande parte, não vai ao jornal ver.

⁴ Pergunta não prevista no guião inicial mas que surge, naturalmente, na sequência da resposta do entrevistado.

Entrevistado: **Luís-Batista Martins (E2)**

Empresa. Jornal *O Interior*

P- O que é para si ser jornalista na imprensa regional?

R- Cada vez tenho mais a sensação que há uma grande diferença entre ser jornalista na imprensa regional. É ter a perceção do meio, da comunidade, e contribuir, de certa forma, para o debate do que se passa no meio. As rádios interagem, é mais fácil promover o debate. E aí está o *Altitude*, e bem, todas as terças-feiras a pegar em algum assunto e trazê-lo às pessoas através de um fórum onde as pessoas participam. Nós fizemos e fazemos algumas iniciativas. Por exemplo, fomos nós que fundámos o concurso dos vinhos da Beira Interior, que já vai no sexto ano. É necessário credibilizar os produtos, os vinhos e a gastronomia, e só não avançámos com um festival porque foi-me garantido pela Agência de Promoção da Guarda que eles o fariam. E oferecemo-nos para ajudar. Este ano (2012) fomos nós, em articulação com o NERGA e o NERCAB, que trouxemos à região 50 pessoas estrangeiras, nomeadamente jornalistas de vários países do mundo, o que fez com que, por exemplo, a região aparecesse em canais de cabo nos EUA e em revistas e jornais estrangeiros e portugueses. Somos “agentes de desenvolvimento ativo” da nossa comunidade. Por colhermos várias sensibilidades, por estarmos habituados a ser criticados (não somos só nós que criticamos) temos alguma facilidade em “fazer pontes”. Contatamos com as pessoas, podemos sensibilizá-las para uma causa. E a causa do jornal *O Interior* é tentar contribuir para que alguma coisa mude. Não mudará muito, como sabemos, mas um dia de cada vez e conseguir que algumas coisas possam avançar. Acho que é também esta a função do jornalista, do diretor do jornal, do jornal, da rádio e da TV. Se não contribuirmos para influenciar nada, então o nosso papel acaba por ser um mero relator de acontecimentos. Seremos sempre mais que o “postador” da rede social ou o bloguista, porque temos uma responsabilidade deontológica. Mas não seremos muito mais do que isso se não influenciarmos algum tipo de mudança. Pode não ser a que nós queremos e essa mudança despoletar para dinâmicas imprevisíveis. Mas acho que a função de um jornal,

de um órgão de comunicação social, de um jornalista, enquanto profissional, é contribuir para que no meio alguma possa mudar e não fique estática.

P- Com base nessa experiência, e de um certo “ativismo” pelo desenvolvimento, registaram-se mudanças na cidade ou região por causa da vossa ação?

R- (Risos) Infelizmente, o único efeito é que isto está cada vez pior. Isso é que é o grande drama que nós temos que assumir. Tenho a convicção de que, na nossa comunidade, houve muitas coisas que ou aconteceram ou marcadamente alteradas por influência nossa. Não sei se com resultados positivos porque, hoje, a conclusão é que a cidade da Guarda chegou a um cume em que a partir de agora é só cair. Já não há forma de subir mais. Mas temos o exemplo da cultura. O TMG começou por ter uma gestão bicéfala. Não tenho dúvidas, não estando em causa de quem são as pessoas, que era um erro crasso em termos de gestão. Eu critiquei várias vezes, contribuí para que o processo fosse falado, e passou a ser muito melhor ter uma pessoa que, para o bem e para o mal, é a cara. Corre bem, aplaude-se. Corre mal, “leva na cara”. Ai está um ponto em que nós fomos contributo para que alguma coisa acontecesse. Não tenho dúvidas de que se precipitou a alteração à gestão daquele equipamento cultural por nossa influência direta. A Guarda seria ainda uma cidade bolorenta se só tivesse o jornal *A Guarda* e a velha rádio *Altitude*. Há 20 anos era uma cidadezinha de província – com todo o respeito pelas pessoas que cá vivem – em que a ambição das pessoas era ir ao domingo à missa da Sé. Era uma cidade extraordinariamente rural. Hoje não é. Aliás, a Guarda é cosmopolita embora pequena, pobre, com uma falta de capacidade de perspetivar o futuro impressionante, economicamente muito frágil. São problemas que vêm detrás, porque nunca houve investimentos estruturais. Viseu, por exemplo, tem esses investimentos estruturais, tem uma economia razoavelmente dinâmica, mas do ponto de vista espiritual aquilo é bolorento. Não há naquela cidade um jornal nem uma rádio suficientemente dinâmicos. Nós, na Guarda, temos conseguido essa dinâmica.

P- Quais são os principais valores pelos quais orienta a sua conduta ética?

R- O compromisso do jornal é com os seus leitores. Com todos os erros que possamos cometer, é sempre em homenagem aos nossos leitores que fazemos o nosso trabalho. Do

ponto de vista do empenho no meio, a tal participação para além do jornalismo enquanto tal, tem que ser sempre pensar nas pessoas.

P- E os valores da sua redação?

É isso que digo à equipa. É sempre no respeito pelas pessoas que o nosso trabalho deve fazer-se. Há muita gente a viver em más condições nesta região. A minha preocupação é como é que nós podemos contribuir para que as pessoas estejam melhor, sempre com princípios e regras deontológicas, separando o trigo do joio.

P- E quais considera serem os valores para os outros OCS da Guarda?

R- Acho que é razoável, há um respeito pelos valores básicos deontológicos. Em termos gerais, há uma postura correta. Há bastante cuidado, mais do que noutras cidades. Nesse aspeto só tenho a falar bem de nós e dos outros colegas. Curiosamente, entre nós órgãos de comunicação não nos respeitamos muito. Se *O Interior* está envolvido nisto ou naquilo, nem sequer falam das coisas. Quando foi o evento dos vinhos, os jornais e rádios da região nunca estiverem presentes. É uma rivalidade estranha, pacóvia.

P- Qual a função mais importante do jornal para que trabalha?

R- A função principal de *O Interior* é contribuir para a mudança, para o desenvolvimento da região como um todo. Sou um fracassado, nesse sentido, mas não deixo de continuar a acreditar que ainda posso fazer mais alguma coisa. Estou no limite. Se no próximo ano não houver mais três ou quatro coisas que temos planificadas para sugerir à comunidade, afasto-me do jornal. Estou cansado porque o meu projeto não consegue vingar. Felizmente o jornal está bem, onde queria chegar chegou, mas o que contribuímos para mudar a comunidade?

P- Quais os temas ou assuntos que mais correspondem ao perfil do seu jornal?

R- Há uma mudança editorial de há um ano para cá. De vez em quando, temos de corrigir o nosso caminho. Sabia onde estava a ir: conseguir fazer um jornal equilibrado, com informação geral em termos regionais, com opinião interventiva e sempre plural, com os assuntos mais destacados a terem algum protagonismo a serem devidamente

desenvolvidos e explicados ao leitor. Hoje todas as seções são importantes, continuamos a dar destaque àquilo que é importante, mas agora explicamos muito menos. Explicamos menos porque temos menos papel. O papel custa muito dinheiro e temos que cortar nele. Não temos capacidade financeira para fazer uma reportagem mais aprofundada e desenvolvida. Acontece alguma coisa em “cascos-de-rolha”, não podemos ir para lá para reportar tudo em duas páginas, como se calhar faria sentido. Não é possível. Aquilo que era uma boa reportagem, com cinco ou seis mil caracteres, com tudo devidamente explicado, se calhar hoje tem que ficar condensado em metade. O que é complicado e vai contra outro pressuposto básico que eu quero ainda fazer no futuro no jornal: que é a memória. *O Interior* tem que ser a memória, a história. Temos que voltar às origens do jornal quando contávamos histórias das aldeias, das pessoas. Os jornais têm que ter a memória das sociedades, têm que ser o arquivo quase vivo que vai recordar as pessoas. Não estamos a fazer isso já porque o papel é caro. Os nossos trabalhos são mais restritos, em termos de explicação - e o jornal marca a diferença por aí. Tivemos que alargar um pouco o desporto, porque havia um público refém do desaparecimento do jornal *Nova Guarda*, que fazia mais desporto. Temos uma página de lazer cuja dinâmica é as pessoas, através da fotografia, mostrarem-se e verem-se. Tem o objetivo de tentar perceber o que é que na nossa cidade vai acontecendo de vida pública, de vida mundana. O resto continua como sempre. Tratamos a cultura, o melhor que podemos, a política porque o jornal tem que ter alguma coisa importante nesta área se bem que menos do que antes. Por uma razão: os jornais tendem a viver excessivamente dependentes da política. A Rádio Altitude, por exemplo, é só ouvida pelas pessoas da política, mais ninguém a ouve. Quem não anda nos partidos não ouve a rádio Altitude. Eu falo com os meus amigos e com as pessoas com quem lido todos os dias e não ouvem a rádio Altitude. E porquê? As pessoas dizem: só falam dos partidos, das coisas dos partidos. O problema é que os partidos estão cada vez mais distantes da sociedade, entre os jovens ninguém ouve as rádios locais. Nós reduzimos um pouco na política porque tinha “peso” a mais. Temos que tentar estar com mais pessoas.

P- Como interpreta a sua relação com as fontes de informação?

R- Enquanto em Lisboa as principais fontes são as agências de informação, aqui são os partidos, os poderes, a administração... Isto é complicado porque incentiva-nos sempre a ficarmos na mão deles. Todos os poderes querem isso. Felizmente o fato de estarmos longe da administração [em termos físicos, a sede do jornal fica na Guarda-Gare longe

do centro administrativo e político da cidade) é uma vantagem porque têm menos proximidade. Embora nos possa passar muita coisa ao lado, mas estando menos perto, aparecem menos por aqui, a convidar para tomar café, e vir à redação mandar os seus “recados” como fazem com as demais redações. Essas são as fontes proactivas, as que querem que se fale bem deles, dos amigos deles, ou que se fale mal dos inimigos. Há sempre pessoas a telefonar para falarmos deste e daquele, bem ou mal. No geral, o jornal conseguiu alcançar um certo patamar de presença na comunidade. Acaba por ser interessante, por exemplo, que uma professora nos telefone a denunciar uma situação; uma mãe que antes não se sentia à vontade para dizer nada venha aqui com um relato disto ou daquilo. Que eu vá a um sítio a fazer compras e alguém me aborde a contar uma situação. Essas coisas estão a acontecer diariamente, algumas coisas sem interesse, outras mais interessantes. Fazemos a triagem. Continuamos à procura de informação mas, felizmente hoje, há muitas pessoas que nos vêm dizer coisas.

P- As novas tecnologias ajudaram nesse processo?

R- Efetivamente a Web 2.0 permite-nos saber algumas coisas mais rapidamente. Exige menos de cada um de nós. E isso exige, ao mesmo tempo, estarmos mais atentos. Muitos dos jornalistas, no caso da Beira Interior, não usam as redes sociais nem para partilhar nem como fontes, o que é uma coisa absurda nos tempos que correm. É hoje muito mais fácil, do que há 10 anos. O canal informativo está mais aberto, há maior facilidade de chegar às coisas, mas é preciso estar atento. Por incrível que pareça, as pessoas acham que colocar uma coisa no *faceboock* toda a gente fica a saber. Não é verdade. O utilizador compulsivo anda a cuscar a vida dos outros. Há tanta coisa nas redes sociais que não é possível encontrar, por vezes, coisas interessantes. O canal mais fiável continua a ser a imprensa, que continua a permitir que estejamos informados sobre o que vai acontecendo.

P-O jornal para que trabalha dispõe de meios informáticos e tecnológicos suficientes?

R- Acho que sim. Estamos na vanguarda em termos de web TV. Usamos mais e o melhor possível o multimédia acoplado ao portal de informação (www.ointerior.tv). Temos a seção de última hora o que nos permite, em circunstâncias normais, atualizar ao minuto, coisas que acontecem. Na noite de nevão deste ano, entre as 7 horas da tarde

e a uma da manhã, colocamos cerca de 50 informações de última hora de modo a informar com utilidade as pessoas sobre o que estava a passar.

P- Que impacto tiveram as novas tecnologias na qualidade do seu trabalho e, em particular, que mais-valias representa o projeto da Web TV ?

R- Além do gasto, é positivo pela dinâmica que traz. Leva a que quem está do lado de cá, os jornalistas, se entusiasme com a ideia de colocar as coisas *online* logo que acontecem. Confesso que pela parte da *webtv* é desilusão a todos os níveis. Praticamente só em Portugal é que há esta dinâmica de *webtv*. No resto da Europa os projetos não se afirmam. Os projetos entre nós valem zero. Por exemplo, a LocalVisão - a quem a Câmara da Guarda paga três mil euros por mês - é vista por 50 ou 60 pessoas. Isto não é nada. Na minha opinião, a *webtv* não vale nada e para fazer melhor exige muitos meios. Do ponto de vista de *O Interior* é importante na medida em que veio dar dinâmica ao projeto, vem permitir as pessoas verem algumas coisas. Há uma peça em concreto que fiz, para a *webtv*, sobre o matadouro da Guarda quando se dizia que iria servir para albergar os comerciantes da praça municipal. Deu-me especial prazer fazer essa peça porque tinha acabado de sessão camarária, onde tinha ficado decidido que as obras estavam a ser feitas para garantir essa transferência. Nós fomos lá filmar as obras e as obras que havia era a pintura da parede cor-de-rosa, e mais nada: uma vergonha! Nós fizemos o nosso trabalho, que foi evidenciar que aquilo era tudo uma aldrabice. Nesse aspeto, a imagem tem peso. O projeto deu-nos expressão por aí. O que é relevante, mesmo, são as redes sociais a partir dos trabalhos jornalísticos e como fontes de informação.

P-O que mais destaca, pela positiva e pela negativa, na sua experiência jornalística?

R- Pela negativa destaco o insucesso daquele objetivo inicial de provocar mudanças. Como é que nós fazemos estas coisas com tanto empenho e, na hora da verdade, não conseguimos mudar tanto assim as coisas. O impacto do nosso trabalho na sociedade ser inferior àquele que ambicionámos e que eu [enquanto diretor] achava que era possível. Lembro-me do *Expresso* ter dito que um jornal como eles podia eleger um presidente da república. Acho que não é bem assim. Os jornais podem, por um lado, cumprir bem a

sua função, que é informar, contribuir para uma sociedade mais informada e melhor formada e, por outro, no caso especial dos jornais regionais, contribuir para mutações sociais no sentido da dinâmica, da cultura. Mas não podem fazer muito mais do que isso. Nós tentamos fazer uma terceira via. Eu fui pessoalmente à Assembleia de República protestar contra as portagens [da A23 e A25] e o resultado daquilo é o insucesso. E é tão insucesso que a nossa tentativa de contestação resultou na taxa mais alta ao quilómetro das portagens do país. No caso concreto do jornal, acho que estamos a fazer bem intervir na comunidade, em ser parte da mudança, mesmo que seja pouca. Estamos numa região ancestralmente pobre, desde o século XV que os beirões são obrigados a partir. Partiram com as caravelas quando levavam as madeiras. Continuam a partir e a desertificação vai continuar. Mas pelo meio fica-nos a satisfação de saber que estamos a tentar fazer algo contra. Nós estamos a fazer algo contra e, infelizmente, outros não o fazem. E é nisso que, porventura, há rivalidades entre a comunicação social. Nós devíamos ter capacidade de nos aproximarmos numa “luta” comum, numa causa comum. E isso não existe. Se eu falar mal de um partido ou de um presidente de Câmara haverá o parceiro do lado que vai falar bem de propósito, só porque é meu rival.

P- É um descrente em relação à ideia de causas comuns?

R- Não há causas comuns. Pela minha experiência, espero mais das pessoas que estão distantes. O que é inacreditável.

P-Vê interesse jornalístico na identificação de uma agenda dos assuntos que mais preocupam os cidadãos?

R- Acho muito interessante mas não viável. É muito interessante porque é essa, de certa forma, a nossa missão. Era por aí que devíamos ir. Mas não me parece viável, por todas as razões: desde a dinâmica societária, em termos de dimensão para isso, de capacidade, tínhamos porventura que deixar de fora coisas que, sob o ponto de vista editorial, também têm que se trazer às páginas do jornal. Faz sentido não sermos reféns dos poderes nem das agendas de uma administração pública, das instituições, mas também ficar dependente da agenda do cidadão é complicado. O que eu acho marcadamente negativo, por exemplo, nos fóruns que se fazem um pouco por todos os canais, é que toda a gente gosta de falar e acham que têm razão. Se nós criarmos uma agenda do cidadão, pura e dura, toda a gente acha que o seu assunto tem que merecer três páginas. Todos querem tudo e o jornalista tem que ter essa capacidade de fazer a triagem,

errando muitas vezes, não dando protagonismo a histórias da “treta” – o que fazem alguns jornais e revistas. Nós tentamos fugir disso. O *Correio da Manhã* faz isso e é um jornal de sucesso, continua a ser o mais lido. Nós não vamos por aí. Temos de equilibrar aquilo que pode ser, de fato, do interesse do cidadão, em termos de agenda, com as demais agendas importantes. Defendo a independência de qualquer agenda, o que é difícil.

P- Que significado dá ao termo proximidade no contexto do seu trabalho?

R- É conhecer o âmago da coisa. São as coisas que acontecem nas instituições e empresas com quem temos relações e os acontecimentos fisicamente próximos. Não se trata apenas de uma proximidade física mas também de uma proximidade com o nosso leitor e com as pessoas, estejam onde estiver, que nos mandam as suas informações. *O Interior*, por dinâmicas conseguidas nos últimos anos, é o jornal referência, por exemplo, em Trancoso ou na Meda. Temos um acordo com a Associação Empresarial de Trancoso e essas pessoas leem o jornal. Temos essa proximidade porque eles sabem o que nós escrevemos, leem-nos mesmo e conhecem-nos das fotografias. Vamos lá e sabem quem somos. O nosso trabalho continua a incidir nesses meios. Mas o nosso trabalho continua a incidir essencialmente na cidade [da Guarda] e nesses meios, o que é um erro, mas são as circunstâncias. Mas essa proximidade das pessoas sentirem o jornal como sendo deles é fantástica. Esse é que é o nosso grande património.

P- Como interpreta a evolução da circulação e venda do seu jornal nos últimos anos?

R- Os jornais, por incrível que pareça, no último ano [2011] cresceram todos. No segundo trimestre de 2012, segundo APCT, os jornais desceram pouco mais de 3%. Mas não deixa de ser curioso destacar que os jornais, no último ano, foram o suporte que menos decresceu. As televisões perderam cerca de 580 mil pessoas. Pior, se o universo televisivo perdeu esta audiência, o mais interessante é verificar que o que mais cresceu, dos que ficaram a ver televisão, foi o Cabo que em Setembro [2011] atingiu 25% da audiência média de todas as televisões. A internet rouba audiência a toda a gente e também nos rouba a nós. Os jornais têm-se que se pagar, um euro que seja, e as pessoas não têm dinheiro para continuar a comprar jornais. Queriam comprar jornais para saber o que se passa com a “crise” mas por causa da “crise” não têm dinheiro para os comprar. Este é um problema meramente económico-financeiro. Curiosamente,

ninguém pergunta sobre as rádios. As rádios locais são ouvidas? A maioria não houve. Da mesma maneira, todos os jornais perderam leitores e vão continuar a perder. No caso de *O Interior*, no papel as coisas vão-se mantendo mais ou menos. As vendas em banca têm ligeiras descidas, tal como a nível nacional. Em todos os quiosques nos dizem que as pessoas não têm dinheiro para comprar jornais. Na internet, outra forma de leitura, estamos todos os meses a superar-nos. Em Março [2012] foi o mês onde tivemos a maior audiência de sempre no www.ointerior.pt, com 44 mil visitas. Este volume de visitas é muito bom para um jornal de uma “cidadezinha” como a Guarda. O nosso site é o terceiro com mais visitas no distrito da Guarda, são os dados oficiais da Google. O primeiro é site do IPG (www.ipg.pt) e o segundo é o Guarda.pt (www.guarda.pt).

P- Qual é o modelo de negócio ou o futuro do seu jornal?

R- A questão aqui é muito simples. As administrações públicas têm que ser responsáveis pela Democracia. Das duas uma: ou a democracia é um valor, e tem que ser pago, ou não pagamos nada por isso. Em Portugal, infelizmente estamos todos numa de desvalorizar a Democracia. Não faz sentido pagar a liberdade de expressão. É necessário haver capacidade dessas administrações públicas para definir um modelo de financiamento a quem dá suporte à liberdade de imprensa, à liberdade de expressão, ao pluralismo, à diferença... As instituições, se querem defender a Democracia, têm que pagar os jornais. E fazem-no cada vez menos. O porte-pago foi alterado para um subsídio ao leitor, que é um pressuposto correto, mas não dá para pagar as despesas. Nós pagamos todos os meses 2 mil euros aos CTT. Não há hipótese. Isto obriga-nos a ter menos páginas, não só pelo preço do papel, mas também pelo peso. Se fizer todas as semanas um jornal com 40 páginas, para além do me custa imprimi-lo, vou pagar um custo enorme para o expedir. Isto é brutal. Isto dá para ilustrar o que nos custa fazer chegar o jornal às pessoas e o tal apoio que havia foi reduzido. Eu até defendi essa redução, o que foi um erro embora possamos dizer que estamos mais independentes do Estado. Mas devíamos estar. Vivemos num país complicado. Por exemplo, as pessoas querem ver reduzido o número de deputados! Mas a Democracia vale tão pouco para se andar a esgrimir a redução de deputados para se reduzirem dois milhões de euros. Isto é ridículo. Até acho que ganham mal o que faz com que a AR seja uma espécie de “estágio” ou trampolim. Não pode ser. Assim como tenho este raciocínio sobre a AR

tenho que o ter sobre a imprensa, sobre a comunicação social. Como, não sei! Era preferível ficar na dependência do que andar a negociar acordos privados. Por hipótese, tu és presidente de câmara e propões-me um acompanhamento mediático e asseguras-me aqui um subsídio.... Isso é que é complicado! É mais promiscuo do que o Estado assumir um apoio à imprensa que prova cumprir o seu papel. Que façam a análise, arranjem forma de verificar o que cada jornal vale. É muito mais honesto do que qualquer coisa do tipo: “Se me entrevistares dou-te 100 euros”.

Entrevistado: **Ricardo Cordeiro (E3)**

Jornal: O Interior

1-Temática: *A imprensa regional revisitada pelos seus profissionais*

P-O que é para si ser jornalista na imprensa regional?

Não tenho qualquer outro tipo de experiência fora do jornalismo regional, e já lá vão 10 anos a trabalhar aqui [O Interior]. Com base naquilo que aprendi na teoria, e que se comprova na prática na IR, quando tratamos uma notícia que poderá colocar em causa o bom nome de uma pessoa, neste caso podemos confrontarmo-nos com essa pessoa na mesma semana. Se for num órgão nacional isso já não acontecerá com tanta frequência. De resto, no jornalismo regional tendemos a dar importância a assuntos que afetam o dia-a-dia das comunidades, das pessoas.

P- Quais as principais características do jornalismo que faz?

A proximidade que estabelece com os cidadãos, com os próprios leitores que, por vezes, também sugerem assuntos e temas. A proximidade é um dos principais valores-notícia presente.

P- Que significado dá ao termo proximidade no contexto do seu trabalho?

Dar importância e enfoque a temas que afetam o quotidiano das pessoas, que acabam por os afetar diretamente.

P- Quais os temas ou assuntos que mais correspondem ao perfil do seu jornal?

Desde logo o problema relacionado com o desemprego, com a própria interioridade, o envelhecimento da população, mais recentemente o problema das portagens.

P- Quais são os principais valores pelos quais orienta a sua conduta ética?

A isenção, o rigor e a imparcialidade, são valores que estão sempre presentes, algo que nos é intrínseco e que acaba por se refletir no nosso trabalho final. O trabalho do jornalista será sempre primordial porque, por exemplo, na internet encontram-se coisas bem feitas e mal feitas, e o jornalista tem de ter capacidade de conseguir gerir toda a informação que lhe chega, confirmar junto de fontes a veracidade das notícias. Por vezes é um pouco difícil conseguir equilíbrios, entre a proximidade a imparcialidade, mas acima de tudo está a tentativa de ser o mais imparcial possível.

P-E os valores da sua redação?

Desde que vim para aqui estagiar, sempre me foi inculcida essa política de sermos isentos e rigorosos no trabalho que desempenhamos.

P-E quais considera serem os valores para os outros OCS da Guarda?

Nesse aspeto, penso que todos tentam fazer o melhor que sabem e podem, acima de tudo.

P-Qual a função mais importante do jornal para que trabalha?

Informar, atualizar os conteúdos e tentar manter proximidade com os seus leitores.

P-Como interpreta a sua relação com as fontes de informação?

Essa relação é sempre complicada, na minha perspetiva, porque se por um lado os jornalistas precisam das fontes, por outro lado essa relação não pode ser tão próxima ao ponto de essas fontes influenciarem o jornalista, sob o seu ponto de vista, sob a sua perspetiva em termos de benefício próprio. Tem que tentar sempre algumas distâncias, embora, por vezes, se encontre alguma resistência ou pressão por parte de algumas fontes.

P-O jornal para que trabalha dispõe de meios informáticos e tecnológicos suficientes e que impacto tiveram as novas tecnologias na qualidade do seu trabalho?

Com a expansão da internet é muito mais fácil aceder a determinados documentos que há muitos anos atrás seria impensável. Por outro lado, as redes sociais, como o *facebook*, permitiram ter um maior feedback imediato de quem lê as notícias, nós colocamos diariamente notícias que vão sendo logo comentadas pelos leitores. Há uma preocupação diária de atualizar e tornar o portal de *O Interior* mais interativo entre quem nos lê e os próprios jornalistas. Mas, por outro lado, também há uma tendência para se sair menos da redação e tentar fazer mais dentro dela.

P- Desloca-se com frequência ao exterior da redação para recolha de informações?

Também tem a ver com as dificuldades com que os meios que os OCS, e em particular a IR, dispõem atualmente. Nunca deixamos de ir ao exterior mas não tanto como devíamos, na minha opinião. Isso permitiria, entre outros ganhos, pelo menos o estabelecimento de relações mais fortes entre os jornalistas e as fontes. Uma coisa é falar com uma pessoa cara a cara e outra, muito diferente, através por exemplo do correio electrónico.

P- Acha que há uma cultura profissional específica da imprensa regional?

Penso que não haverá grandes diferenças substanciais com o resto da imprensa.

P- O que mais destaca, pela positiva e pela negativa, na sua experiência jornalística?

Pela positiva, desde logo poder falar em assuntos que preocupam as pessoas no seu dia-a-dia e dar a perspetiva de várias pessoas, tanto do poder político como do cidadão comum. Pela negativa, nada de relevante.

2- Temática: *A imprensa regional desejada pelos cidadãos*

P-Vê interesse jornalístico na identificação de uma agenda dos assuntos que mais preocupam os cidadãos?

Vejo interesse mas sempre estando de acordo com o próprio do interesse jornalístico. Há temas que podem interessar muito ao Sr. Manuel mas não interessar nada à generalidade das pessoas. Tem que se fazer sempre o peso da balança dessas duas vertentes.

P- É viável produzir reportagens mais aprofundadas a partir de temas sugeridos pelos cidadãos?

Desde que tenha interesse público e interesse jornalismo, penso que não há anda a opor.

P- O que acha da crise de legitimidade o jornalismo que se generalizou

A legitimidade não está em crise. Há jornais e há jornais. E se nalguns casos se opta pela publicação da notícia fácil, sem se tentar comprovar os fatos devidamente, noutro, como é o nosso caso, tenta-se sempre ter um cuidado com a notícia que publicamos e não só porque sabemos que vão vender ou que vão ser “uma bomba” na sociedade que nos rodeia. Temos uma preocupação ética sempre presente.

3- Temática: *A imprensa regional projetada no futuro*

P- Que oportunidades e ameaças enfrenta o jornal que integra?

As ameaças são um pouco aquilo de que fala já há muito tempo, nomeadamente com a expansão da internet. Os jornais em papel poderão ter tendência a desaparecer. Em minha opinião, não deverá acontecer porque há sempre pessoas que preferem ler o jornal. A internet oferece bastantes valências, tanto de vídeo como de som, como hiperligações, é muito fácil, só que as pessoas também terão tendência a dispersar-se e perderem-se no meio de tanta informação.

Entrevistado: **Fábio Gomes (E4)**

Jornal: *O Interior*

1-Temática: *A imprensa regional revisitada pelos seus profissionais*

P-O que é para si ser jornalista na imprensa regional?

R- É um desafio. A IR tem uma importância suplementar em relação à imprensa nacional, porque desenvolve com mais profundidade a informação. Informa sobre a atualidade concelhia, das freguesias, sobre uma determinada região, especializa-se digamos assim. É um desafio ser jornalista da IR. E talvez seja até mais difícil do que ser jornalista na imprensa nacional porque, de fato, o que se passa no país e no mundo é sobejamente conhecido, por diversos meios. Já em relação ao que se passa a nível regional e um bocadinho mais difícil.

P- Quais as principais características do jornalismo que faz?

Penso que a principal característica seja essa: desenvolver mais especificamente a atualidade de uma determinada região e, por isso, ir mais ao encontro das pessoas dessa mesma região. Penso que seja um fator importante o fato das pessoas se identificarem mais com as publicações regionais e estas irem mais ao encontro das suas vivências e preocupações.

P- Quais são os principais valores pelos quais orienta a sua conduta ética?

Isenção e rigor ao máximo. Penso que sejam os valores a aplicar, não só aqui [IR] como de resto em toda a profissão. Ser o mais fiel possível aos fatos é também um valor essencial.

P-E quais considera serem os valores para os outros OCS da Guarda?

Se não são, deveriam ser. Mas acho que sim. Quem vem para esta profissão deve vir já preparado para defender esses valores, porque caso contrário não estaremos bem a falar de jornalismo.

P- Tendo em conta há novos comunicadores, novas realidades concorrências do jornalismo, acha que esses valores estão ameaçados?

Há, de fato, novas tendências de novas tendências de jornalismo a surgir, com a blogosfera, com muita informação que não sabemos se é fidedigna ou não mas penso que isso não coloca em causa o trabalho e a informação dos OCS tradicionais e oficiais. Julgo que o jornalismo tradicional não está colocado em causa. Quando lemos uma informação num blogue, colocamos em causa porque não tem a mesma

responsabilidade. Agora, por exemplo, no caso do Público, no DN ou n'O Interior sabe-se, à partida, que uma informação só é publicada quando há certeza da sua veracidade.

P-Qual a função mais importante do jornal para que trabalha?

Acima de tudo a função de qualquer outro: informar. Mas também ir ao encontro das populações, por ser um jornal regional e por tratar temas com que as populações se identifiquem.

P- Quais os temas ou assuntos que mais correspondem ao perfil do seu jornal?

Temas de atualidade regional. Se houver um evento relevante nós tentamos estar presentes e, como isso, a população, penso eu, acaba por se identificar. Temos sempre presente uma seção de cultura, na qual falamos do que mais de relevante se passa nessa área na Guarda e noutros concelhos que constituem a zona de influência deste jornal. Procuramos estar presentes embora não seja muito fácil essa omnipresença, porque os jornais, hoje em dia, não estão a atravessar um bom momento em termos financeiros e, por isso, as redações não terão os meios logísticos e humanos necessários ou que se desejariam para ter essa cobertura mais completa. Mas, na medida do possível, fazemos por estar presentes. Também o Desporto é importante, porque há quem leia um jornal só pelo seu conteúdo desportivo – aliás a imprensa diária desportiva é a mais lida do país – e por isso tentamos acompanhar, a nível regional, o que se passa nessa área. As restantes notícias sobre sociedade mais relevantes e que constituem a atualidade do distrito, da região.

P-Como interpreta a sua relação com as fontes de informação?

Procuramos uma relação com fontes que sejam credíveis. Muitas vezes haverá fontes que colocamos em causa e por isso será sempre uma relação cuidadosa e cética, acima de tudo. Temos sempre de ter a certeza sobre aquilo que nos é avançado. Não podemos acreditar em tudo o que nos dizem. Por vezes há fontes que procuram protagonismo e até puxar e trazer para a ribalta assuntos do seu próprio interesse, mas que não têm interesse noticioso ou interesse público. Tentamos sempre ouvir toda a gente mas, claro,

é sempre feita uma seleção e também uma averiguação sobre aquilo que nos é transmitido.

P-O jornal para que trabalha dispõe de meios informáticos e tecnológicos suficientes? Que impacto tiveram as novas tecnologias na qualidade do seu trabalho?

Aqui no jornal *O Interior* penso que estamos bem servidos. Temos bons computadores, uma boa ligação de internet, que hoje é fundamental, já é impossível separar a internet do próprio jornalismo, constitui uma excelente fonte de informação. Na componente da *webtv* também estamos bem servidos e isso acaba por contribuir para se desenvolver um bom trabalho.

P-O que mais destaca, pela positiva e pela negativa, na sua experiência jornalística?

Pela negativa, é difícil identificar alguma coisa. Pela positiva, é fazer aquilo que gosto e que me preparei para fazer que é ser um veículo de informação e trazer informação para as pessoas, exercendo jornalismo.

2- Temática: *A imprensa regional desejada pelos cidadãos*

P-Vê interesse jornalístico na identificação de uma agenda dos assuntos que mais preocupam os cidadãos?

Vejo porque, de certa forma, também é isso que acaba por vender os jornais. Tendo que ser feita uma seleção quanto ao interesse noticioso, temos que ir ao encontro das pessoas e dos seus interesses porque também é isso que acaba por vender jornais e assegurar, de certa forma, o sustento dos jornais. Mas, repito, terá de ser sempre feita uma análise do interesse noticioso dos contributos dos cidadãos.

P- Acha que essa atitude de maior proximidade com uma “agenda do cidadão” significaria uma perda de independência para si?

Não, acho que significa uma complementaridade entre o jornalismo e a sociedade que é algo que tem que existir. Há sempre espaço para o jornalismo independente, apesar de haver essa agenda do cidadão, porque um jornal não tem que ser feito exclusivamente

com a agenda do cidadão. Pode ter e deve ter outras agendas e outros espaços o que acaba por gerar essa complementaridade com a sociedade.

P- Que significado dá ao termo proximidade no contexto do seu trabalho?

Essencialmente proximidade é não estarmos aqui fechados e noticiar só coisas de agenda. É também sermos uma porta aberta para que as pessoas possam fazer as suas denúncias e também uma cobertura de assuntos que interesse à sociedade local.

3- Temática: *A imprensa regional projetada no futuro*

P- Que oportunidades e ameaças enfrenta o jornal que integra?

Acima de tudo, as ameaças são as dificuldades económicas. Isto acaba tudo por ser um ciclo. Os jornais vivem essencialmente de publicidade. Se as empresas estão em crise não publicitam, se não publicitam o jornal faz menos dinheiro. Se o jornal faz menos dinheiro, o jornal está em crise. E se está em crise não contrata, despede. A própria conjuntura económica ao nível dos combustíveis também afeta o trabalho, porque limita e torna difícil ir a todo o lado, de automóvel, e aos lados em que se vai representa uma despesa também importante. Penso que a IR já foi forte quando a economia era forte. Porque se a economia é forte há mais publicidade, há mais receitas, há mais dinheiro, há mais jornalistas, há mais disponibilidade de capital, etc. Mas apesar das dificuldades penso que a IR tem potencial para continuar a prestar um bom serviço ao cidadão e esperemos que venham dias melhores para que a profissão ofereça mais oportunidades. Neste momento, o jornalismo está complicado, mesmo para quem sai das universidades. Não está fácil. Em Portugal há uma oferta demasiada de cursos de jornalismo – penso que saem 1500 licenciados por ano - para as necessidades que há de empregos. Não haverá 1500 vagas de emprego na área todos os anos o que faz com que grande parte deles tenha que divagar por outras áreas.

Entrevistado: **Gabriela Marujo (E5)**

Jornal: Terras da Beira

P- O que é para si ser jornalista na imprensa regional?

R- Uma carga de trabalhos. É uma responsabilidade muito grande. Ao contrário do que acontece na imprensa nacional, nós somos um pouco polivalentes. Temos de falar de todos os temas e mais algum, e isso torna-se complicado para o jornalista. Tem que se ter alguma bagagem sobre todos os temas e preparar-se para escrever sobre eles. E isso é uma responsabilidade acrescida, na medida em que temos que estar constantemente informados. Por outro lado, essa responsabilidade advém do fato de a imprensa regional ser um veículo privilegiado para o leitor ou o cidadão, no acesso ao conhecimento de várias coisas que, de outro modo, não conseguem aceder. Nalguns casos, este é o único veículo que as pessoas têm para ter conhecimento sobre o que se passa. Essa responsabilidade obriga-nos a ser sérios no trabalho e a informar o mais possível.

P- Quais as principais características do jornalismo que faz?

R-Há uma característica global do jornalista e da imprensa regionais: a responsabilidade que referi antes, obriga-nos a estar muito mais informados e a não darmos muitas “calinadas”, como acontece na “grande” imprensa nacional. Nós vemos, sobretudo na televisão, referências a uma aldeia qualquer localizada no distrito completamente ao lado. Aí falham. No nosso caso, o jornalista regional está melhor informado. Por outro lado, damo-nos a esta causa. Não ganhamos nada que se compare com os jornalistas de órgãos de informação nacionais. Isto é muito de “amor à camisola”. Há este sacrifício que nos é pedido e nós próprios gostamos de dar, porque é característico e inerente ao papel da imprensa regional.

P- Depreende-se que há intrinsecamente uma função social, quase de envolvimento numa causa maior que é servir as pessoas mesmo que as condições não sejam as melhores...

R- O jornalista que não tem um interesse social não é jornalista. O jornalista é importante na sociedade, e todas as causas importantes são também importantes para ele. Não se pode imiscuir delas. A primeira causa é o próprio jornalismo e o seu

primeiro mandamento que é: a verdade acima de tudo. Depois há outro mandamento importante, para além do informar: formar também as pessoas. Se temos este amor a esta causa, como principal paixão profissional, todas as causas sociais e temas fraturantes, em termos sociais, são importantes para o jornalista. Todos os jornalistas devem ter essas preocupações sociais.

P- Quais são os principais valores pelos quais orienta a sua conduta ética?

R- Primeiro que tudo a verdade, a seriedade e a honestidade. Pese embora, como toda a gente, tenhamos opiniões, tendências e convicções próprias. Mas essas são guardadas, quando fazemos o nosso trabalho. Temos de ser honestos connosco próprios – mesmo concordando ou não concordando com as coisas – ao ponto de não nos envolvermos numa causa que não é nossa. É importante sermos honestos com as pessoas que ouvimos, dando-lhes oportunidades de dizerem o que pensam, de se defenderem quando são acusadas, etc.

P-E os valores da sua redação?

R- Penso que sempre foram. A procura da verdade ou dos fatos como devem ser contados, tendo a ética e deontologia jornalísticas sempre presentes. Sempre foram características do jornal *Terras da Beira*, daí ser considerado uma “escola” para muita gente [no que refere às boas práticas jornalísticas] porque, desde a sua fundação, “meteu-se” com os poderes instituídos. Na altura [1992] tínhamos os pequenos “jornais de paróquia” que atuavam ao sabor das entidades que lhes pagavam salários. Nós fomos uma “pedrada no charco”. Embora haja quem pense, lá fora, que também nós estamos muito ligados – ou dependentes – da instituição que nos suporta. Se as pessoas estiverem atentas, verificam que isso não é verdade. Não temos atualmente pressões cá dentro – embora já tenham existido e saibamos que há telefonemas que “chovem”, mas não há interferência direta entre a direção e a chefia de redação e entre esta com os jornalistas. E nem todos os jornais da cidade são assim. Somos dos poucos que ainda fazemos as coisas com essa seriedade.

P-E quais considera serem os valores para os outros OCS da Guarda?

R- Acredito piamente que colegas nossos tenham essa forma de estar no jornalismo. Nós conhecemo-nos todos, além de colegas de profissão as pessoas são amigas. Agora, nós nem sempre podemos ser aquilo que queremos. Por isso mesmo também sabemos,

pela boca de quem está envolvido, que às vezes há uma certa pressão. No sentido de que se escreva isto ou que não se escreva. Mais de que não se escreva determinadas coisas, porque se pode “melindrar” alguns dos poderes constituídos. Isto acontece. Aliás, basta ler alguns jornais regionais para se ver qual é a tendência. E também se sabe muito bem quem faz essa tendência. E provavelmente não são os jornalistas. Mas alguns sujeitam-se a isso, porque não há outra maneira de ganhar a vida. Não tenho dúvidas que todos os nossos colegas têm um entendimento sério do jornalismo. Mas depois há toda a envolvimento, há as chefias que têm a “faca e o queijo na mão”. São eles que mandam.

P- Há, neste caso, pressões sobre a liberdade e independência para o exercício do jornalismo com interferência de terceiros, é isso?

R- Felizmente isso acontece e oxalá que continue a ser a assim. Mal seria se não tivéssemos pressão de terceiros. Qualquer jornalista fica incomodado se não houver alguém que o chateie, que faça essa pressão. É sinal que o trabalho está a surtir efeito. Obviamente que temos pressão, não de uma forma direta embora isso possa acontecer. Às vezes funciona por recados, não só através de pessoas mas agora sobretudo através das redes sociais, como o *facebook*, através de blogues. As opiniões são de quem as tem, mas é uma forma de pressão. Em termos políticos, há uma certa pressão. No meu caso, não tenho muita razão de queixa, mas sei que há colegas que sofrem pressões políticas.

P- Como interpreta a sua relação com as fontes de informação?

R- Tenho muitas poucas fontes de informação. Eu não sou muito a favor das fontes, e digo porquê. Uma fonte, normalmente, tem sempre interesse no caso. E às vezes chega-se a um ponto que não se percebe qual é o interesse específico de uma fonte num determinado caso. Gosto de ter pessoas em determinados locais, que me contem o que se diz, que deixem dicas. O que é diferente. São pessoas amigas bem informadas. Uma fonte, na aceção tradicional, é o único correio. Já tive várias fontes ligadas a vários processos, mas sabia qual era a ligação da fonte ao processo e à instituição. Não houve choque ou desvio entre a informação que pedia e a informação que me foi dada. O TB já teve problemas graves por causa das fontes e isso foi um abre olhos para mim. Chateia-me que colegas nossos venham vangloriar-se que têm muitas fontes em todo o lado. Eu entendo-os como “vendidos”. Alguma falha e um dia vão “vender-se” e vão ser

esmagados pelas fontes. Algumas delas são perigosas. Há determinadas fontes que estão onde estão porque houve aqui um empurrãozinho de jornalistas.

P- Qual a função mais importante do jornal para que trabalha?

R- Uma coisa é o que será e o que devia ser. O jornal, como qualquer outro deste país, devia ser um contrapoder. Mas não é. Embora aqui talvez ainda seja um pouco. O jornal deve ser esse meio privilegiado de chegar a informações que julgava não poder obter. Apesar de se pensar que toda a gente tem internet para se informar, isso não é verdade e há sempre pessoas a precisar de nós. Um jornal deve ser um veículo de formação também. Não basta informar de que o Governo vai fazer isto e isto e não explicar às pessoas o que é que se quer dizer. Os jornalistas, muitas vezes, não conseguem lá chegar porque as leis não são feitas para ser percebidas. O jornal deve ser sempre um veículo privilegiado de informação e deve ter como função principal a formação. Não é dar ao povo aquilo que ele quer.

P- Quais os temas ou assuntos que mais correspondem ao perfil do seu jornal?

R- São sobretudo temas de natureza social. O TB sempre foi muito dado a esses temas. Tivemos uma secção fabulosa, que era a grande reportagem, e quase sempre se tratavam temas de sociedade. Infelizmente, agora por razões de falta de pessoal e razões económicas, já não fazemos. Houve alturas em que a política dominou em certos momentos de maior ebulição política local, e que foram fundamentais para se perceberem acontecimentos estruturantes da cidade. Já temos menos política do que tínhamos antes e temos mais social, o que terá a ver com a génese do jornal. Tivemos sempre uma preocupação social na nossa matriz. Há uma preocupação, por exemplo, com a luta contra o cancro. Não conseguimos estar completamente fora destas causas. Nós apoiamos, fazendo notícias sobre estas causas. Se não temos pessoalmente preocupações sociais enquanto cidadãos isso acaba por se refletir no trabalho. Embora haja quem tenha essas preocupações mas não saiba escrever sobre elas. A redação atual do TB tem preocupações sociais com áreas como a saúde e o ambiente, por exemplo.

P- Com que tipo de fontes mais lida para produzir informação jornalística?

R- (risos) Estou mais ligada ao tema de cultura e lido com pessoas ligadas à área, como elementos ligadas às práticas culturais (teatro, música, etc). São amigos com quem

falamos. Conhecemos muita gente e há sempre alguém que nos informa sobre qualquer coisa.

P- O jornal para que trabalha dispõe de meios informáticos e tecnológicos suficientes?

R- Não são suficientes. Os computadores são velhos. Não vale de nada ter todas as ferramentas e programas informáticos se os computadores, a principal máquina de suporte do trabalho, não reagem. Temos aqui bloqueios de computadores cinco a seis vezes por dia. O trabalho que demoraria cinco minutos, demora uma hora a fazê-lo. Ou seja, o TB em termos tecnológicos está bem e até dinamizamos os espaços online – temos última hora, *facebook*, uma quantidade de sítios onde ir buscar coisas. Fomos, de resto, o primeiro jornal a entrar na era da internet. O problema é que os computadores não correspondem. No fundo, nós não evoluímos muito.

P- Que impacto tiveram as novas tecnologias na qualidade do seu trabalho?

R – Houve impacto na celeridade e comodidade do trabalho. A qualidade é outra história. Obviamente que vierem beneficiar o trabalho. Precisamos de uma informação qualquer e temo-la na hora. Quanto à qualidade, é preciso ter em atenção o que se pretende e onde se vai buscar. E voltamos a falar das fontes. Nem tudo o que está na internet é fidedigno e nela se esconde muita coisa. É muito complicado saber, de ante mão, o que é credível e não credível. Muitas vezes, só sabemos depois de nos “espalharmos ao comprido”. Por isso, a nível da qualidade veio piorar. As fontes também se aproveitam disso e os recados são enviados por via tecnológica.

P- Desloca-se com maior frequência ao exterior da redação para recolha de informações?

A deslocação ao exterior tem muito a ver, hoje, com a situação de dificuldades económicas em que se encontra o próprio país e que afeta. Nós temos um carro para a redação e o setor comercial e tem que haver aqui “jogo” entre os dois departamentos. E não há dinheiro. Limitam-se as saídas ao máximo e, por isso, tem que haver um crivo de importância em relação aos trabalhos que se cobrem. Mas sem essas atuais limitações de natureza económica, e em condições normais, sai-se menos porque se pode fazer muita coisa, ou quase tudo, por via tecnológica. Por um lado é bom. Por exemplo se tiver que entrevistar o músico Davide Fonseca, a propósito de um concerto que venha fazer à

Guarda, não tenho que me deslocar e posso fazê-la por correio electrónico. Não vou a Lisboa para fazer as perguntas. Mas se for uma entrevista importante, em termos locais, já será diferente. As saídas têm também a ver com o grau de importância dos acontecimentos. Pedimos muitas informações por correio electrónico. Neste aspeto, as tecnologias vieram beneficiar. Mas também nos acomodamos muito, saímos menos e essa facilidade que veio balancear as redações e há estas críticas de que os jornalistas são cada vez mais de agenda. Mas é preciso notar que também há falta de meios humanos e, nestas circunstâncias, é impossível fazer milagres. Com três pessoas numa redação é impossível cobrir um distrito como o da Guarda, nem sequer o concelho com 54 freguesias. Por isso mesmo, cai-se muito num jornalismo de agenda. Mesmo assim, nós ainda fazemos por não cair nessa prática sistemática.

P- O que mais destaca, pela positiva e pela negativa, na sua experiência jornalística?

R- Como jornalista, o mais negativo, e que me deixa mais triste e revoltada, é ver que o jornalismo, em termos gerais, é adulterado dando ao povo aquilo que ele quer. É não saber qual a importância jornalística das coisas, é as prioridades completamente trocadas. E nisto contra nós falamos. Alguns por motivos económicos e outros por andar a fazer favores...No geral, em toda a comunicação social, há um certo afastamento do próprio jornalismo da sua essência. Nos últimos anos tem havido um decréscimo de qualidade. Quando o jornalismo é um entretenimento, está tudo dito. Nós não podemos ser os “palhaços” das notícias. Isto acontece, por exemplo, nas televisões – com autênticos circos de cobertura mediática. Fico mais triste quando isto começa a vir para o interior... Fecha-se a porta ao progresso mas não se fecha a porta à estupidez! Isto deixa-me triste.

Pela positiva, em termos pessoais, todos os dias estamos a aprender coisas novas com as pessoas, perspetivas interessantes de vida que, se calhar, de outra forma não teria conhecimento delas. E sobretudo o fato de nós estarmos a fazer história. Nós estamos a ser os “cronistas do reino”, com uma responsabilidade muito grande e penso que as pessoas não têm essa noção. E alguns jornalistas de hoje também não.

P- Acha que há uma cultura profissional específica da imprensa regional?

R- Todos nós seguimos exemplos na vida. Mas, no jornalismo, não devemos seguir exemplos que não sejam sérios. Não queremos, à força, ser um jornal que tenha ou ganhe tanto dinheiro como outro jornal qualquer que noticia notícias que não são sequer notícias! Ou que estamos a inverter as prioridades, como acontece muitas vezes a nível nacional. Porque é que nós temos que fazer isso aqui?! Se calhar há esta cultura de querer ser igual aos outros em termos económicos e segue-se aqui uma tendência que não se deve seguir. O Álvaro Cunhal disse, numa passagem pela Guarda, que era extremamente importante para o país que haja comunicação social regional para existir democracia nas notícias (cito de cabeças as palavras dele). O que é triste é que nós estejamos a perder essa especificidade. Ao importarmos alguns exemplos do jornalismo nacional, alguns maus exemplos, estamos a igualámo-nos a eles. Isto é mau. Nós devíamos ter orgulho nesta cultura da imprensa regional, e dizer que vamos fazer tudo para manter esta especificidade. Podem fazer “porcaria” no nacional mas nós não fazemos! Infelizmente há um pouco essa cultura de seguir os outros porque eles é que vendem. Não é porque são bons, é porque vendem. Há jornais regionais a seguir uma tendência assim e a fazerem grandes parangonas com histórias sem interesse público. A imprensa cor-de-rosa tem que existir mas não tem quer ser má. Mas a realidade é que proliferam, em termos gerais, revistas e jornais especializados nas cusquices. É dar importância a quem não a tem. E isso vende. Este é o problema: estão a dar ao povo aquilo que ele quer.

P-Vê interesse jornalístico na identificação de uma agenda dos assuntos que mais preocupam os cidadãos?

R- Acho que os cidadãos querem ter cada vez mais voz mas querem ser menos ouvidos. Isto é um paradoxo. Quando vamos aí fazer perguntas, as pessoas podem falar mas dizem logo: “Não ponha lá o meu nome!”. Há uma certa cultura do medo, não se percebe porquê. Sempre defendi que em vez de sermos nós a tratarmos de assuntos que achamos que interessam às pessoas, devíamos ter, pelo menos, uma página para as pessoas escreverem para lá, cumprindo as regras éticas de não se cair no ataque a ninguém. Muitas vezes as pessoas abordam-nos na rua para se falar disto e daquilo. Mas há aqui sempre um problema. Qual é a importância das pessoas que nós falemos disto

ou daquilo? Nem sempre o que é importante para o cidadão pode ser importante para o jornalista. Se na minha rua o caixote do lixo não é levantado há três dias, isto é uma preocupação muito grande e dizem que devíamos era falar deste problema. Nós dizemos calma e falamos do assunto, não porque a pessoa A ou B se sente afetada, mas quando o problema afeta o maior número de pessoas e nós o podemos confirmar. Há sempre quem agigante o “drama” mas, muitas vezes, uma multidão não passa de três ou quatro pessoas. Quando perguntamos o porquê, elas não sabem responder. Tem que haver aqui algum grau de importância. Até que ponto é que os assuntos que as pessoas querem ver tratados têm importância jornalística. Eu defendo que deve haver uma agenda dessas mas nós somos o crivo.

P- É viável produzir reportagens mais aprofundadas a partir de temas sugeridos pelos cidadãos?

R- De pequenas coisas se pode fazer muito. As pessoas lançam assuntos e, claro, nós devemos seguir as pistas e desenvolver trabalho que se considere importante. São fontes importantes. Mas, por outro lado, há muita gente que quer que a comunicação social sirva de juiz, de tribunal, de advogado, de polícia... lá está o tal aproveitamento pessoal do jornalismo. Há sempre interesses, embora em perspetivas diferentes. Obviamente que há temas que podem não parecer nada mas que, no fundo, se forem investigados podem resultar em notícias de grande interesse. Mas as dicas sem identificação das fontes também não terá interesse.

P- Acha que essa atitude de maior proximidade com uma “agenda do cidadão” significaria uma perda de independência para si?

R. Não, de modo nenhum. Para quem é que nós escrevemos? Para os cidadãos, são o nosso público. E por isso devemos ser o tal veículo de informação que, de alguma forma, diga respeito a todos os cidadãos. Temos de ter uma abrangência muito grande em termos de temas. E muitas vezes não temos. Não andamos na rua todos os dias a ver o que se passa. Essa proximidade com o cidadão é importante e nunca vamos perder a independência por causa disso. Pelo contrário, ela significa um enriquecimento sobre coisas das quais não temos conhecimento.

P- Que significado dá ao termo proximidade no contexto do seu trabalho?

R- Há aqui dois tipos de proximidade: a proximidade profissional e a proximidade com o cidadão. No segundo tipo, temos o senhor que nos serve um café, um almoço, onde vamos comprar pão, o nosso amigo, o vizinho na freguesia, etc. É uma proximidade que significa que, de alguma forma, temos uma relação com essa pessoa. Por outro lado, essa proximidade também significa nós darmos-nos a conhecer ao cidadão. Todos nós moramos num sítio, todos nós temos vizinhos, amigos, etc. Ao longo dos anos de profissão, esta proximidade mediada é muita e ela não significa uma pressão porque vai-se ganhando maturidade suficiente para separar as coisas. Claro que quando uma notícia envolve uma pessoa muito próxima, por mais profissional que se seja, há sempre um envolvimento. O que nos obriga, nestes casos, a um distanciamento literal do assunto e ser outro colega a pegar nele.

P- Que oportunidades e ameaças enfrenta o jornal que integra?

R- As principal ameaça deste jornal é não aproveitar as oportunidades que tem. Contrariamente ao que na generalidade se pensa, é na crise que se criam as grandes oportunidades. O jornal tem oportunidade de fazer algo diferente aproveitando as novas plataformas, em condições vantajosas e que pouca gente está a explorar em termos regionais. O TB tem, mais uma vez, oportunidade de estar na vanguarda e não está a fazê-lo. E quando não se faz nada de novo não entra dinheiro e se não entra dinheiro é o fim. Fecha-se um jornal de referência, em que as pessoas acreditam e que leem. Tem um dos atributos mais importantes: é credível. Perante a opinião pública, perante os leitores. Acredito que haja muita gente interessada em que o TB fechasse as portas e que os jornalistas se calassem.

P- Sente-se realizada profissionalmente?

R- Longe disso. Não quer dizer que não esteja a fazer um trabalho que gosto porque, na verdade, estou a fazê-lo todos os dias. Mas há muitas coisas que gostaria de fazer e não posso.

Entrevistado: **Elisabete Gonçalves (E6)**

Jornal: Terras da Beira

1-Temática: *A imprensa regional revisitada pelos seus profissionais*

P- O que é para si ser jornalista na imprensa regional?

R- Uma coisa é o que é e outra o que devia ser, o que é diferente. O que deveria ser era estar próximo do cidadão, corresponder às suas expectativas, aos seus problemas do dia-a-dia, fazer uma interligação muito mais próxima. Na prática, isso não acontece. Falo pela minha experiência, nem sempre se consegue essa proximidade. Muitas vezes o jornalista vai por aquilo que é mais fácil, aquilo que lhe chega às mãos. Não vai à procura daquilo que são as expectativas do cidadão, por diversos fatores, e vai pelo trabalho mais fácil. É cada vez mais fácil ter acesso à informação e não se faz tanto aquele trabalho de pesquisa. Daí que haja, pelo que me apercebo, um distanciamento cada vez maior entre o cidadão e a imprensa regional. Noto isso pela minha própria experiência.

P- Tendo em linha de conta essa resposta, vê interesse jornalístico na identificação de uma agenda dos assuntos que mais preocupam os cidadãos?

R- Sim, até tendo em conta essa possibilidade de atrair os cidadãos aos jornais. Acho que existe um distanciamento, as pessoas leem cada vez menos. Apercebo-me disso na rua quando falam de determinados assuntos como novidades, e esses assuntos já foram tantas vezes tratados no jornal. Ou as pessoas não estão atentas ou o jornal não atrai o suficiente, ou aquelas não estão minimamente interessadas e não procuram informar-se.

P-É viável produzir reportagens mais aprofundadas a partir de temas sugeridos pelos cidadãos?

Claro que sim. Nós, às vezes, tratamos aqueles temas que sabemos que interessam a algumas camadas da população mas não é a maior parte. Alguns temas de sociedade, como a saúde, e a política, embora o cidadão comum também não esteja muito interessado na política. Também tratamos estes temas porque sabemos que são as pessoas desses meios que nos vão ler. No resto, há um distanciamento das classes mais baixas. Criando-se essa agenda conseguia-se, digo eu, atrair o interesse das pessoas. Se calhar também não.

P- Acha que essa atitude de maior proximidade com uma “agenda do cidadão” significaria uma perda de independência para si?

R- Não. Acho que não. O cidadão poderia sugerir temas, segundo a sua perspectiva e o seu interesse. Nós teríamos de ter a capacidade de avaliar os seus pontos de vista, como se deve fazer para produzir qualquer notícia, quando é bem feita.

P- Que significado dá ao termo proximidade no contexto do seu trabalho?

R- Há alguma relatividade nessa proximidade. O que é próximo para mim pode não ser para as outras pessoas. Mesmo sendo um tema que pode à partida interessar a todos, as pessoas podem não valorizar o que se notícia. Proximidade será estar atentos àqueles temas que nos dizem mais no dia-a-dia, a preocupações que surgem no quotidiano das pessoas. Algo que até está muito próximo de nós mas que nos passa ao lado.

P-Em que medida essa proximidade é uma vantagem e uma desvantagem?

R- Uma desvantagem é estar-se muito próxima de um assunto e pode-se não conseguir-se ser tão objetiva como se deveria ser. Esse excesso de proximidade tem o perigo de uma pessoa se deixar envolver. Tem que se ter um cuidado com as perspectivas muito pessoais das fontes e, nestes casos, tenho que tentar avaliar se aquilo que me estão a transmitir tem ou não interesse para as pessoas em geral. Ou se apenas para duas ou três ligadas ao assunto, e se a perspectiva que nos veiculam não é demasiado subjetiva, pessoal, com interesses próprios.

P- Esse trabalho de triagem informativa com fontes tão próximas, ao fim de alguns anos de profissão, é difícil?

R- É difícil até uma determinada altura quando nós dizemos “acabou”. É uma questão de educar as fontes. A partir daí elas já sabem como trabalhar connosco e a informação já chega mais selecionada. Fizemos-lhe ver, com o tempo, que nem tudo o que nos transmitiam nós valorizávamos. O nosso trabalho é uma seleção.

P- Quais as principais características do jornalismo que faz?

R- Tento ser objetiva, ouvir as partes envolvidas – essas também são as raízes do jornalismo. Tento ser mais profissional, mas nem sempre é possível.

P- Quais são os principais valores pelos quais orienta a sua conduta ética?

R- A verdade, sempre a verdade e a objetividade. Prefiro usar uma meia verdade do que estar a dizer uma mentira. Posso ter uma informação para avançar e prefiro dizer metade daquilo que sei, porque é a verdade, do que estar a “encher” e cair no erro de não ser verdade.

P- E os valores da sua redação?

R- Na nossa redação há esse cuidado.

P- E quais considera serem os valores para os outros OCS da Guarda?

R- Acho que não. Nota-se muita especulação. Não se chega ao sensacionalismo mas, em determinados aspetos, às vezes, chega-se lá. Não sei se é a linha editorial dos jornais ou orientações internas... mas nota-se uma certa especulação que se devia minimizar. É preferível dar menos informação do que estar a “atirar o barro à parede” a ver se cola.

P- Qual a função mais importante do jornal para que trabalha?

R- Deveria ser informar...(pausa).

P- Disse *deveria*. Quer dizer que não o faz?

R- No fundo... acho que cumpre essa função ou essa missão em 70%. Fruto de outros fatores, como a falta de recursos humanos, cai no erro de também ter que “encher”, ocupar os espaços do jornal com informação que não é nova, informações “batidas” a nível nacional. Se tivéssemos mais pessoas teríamos, também, maior capacidade para ter informação nova, informação de maior proximidade e recorrer a outras fontes.

P- Quais os temas ou assuntos que mais correspondem ao perfil do seu jornal?

R- A política, a educação, a saúde. Somos um dos jornais que dá mais destaque à área da saúde e na educação também acho que conseguimos acompanhar. Também tratamos a cultura. O desporto, embora esteja presente, creio que poderia ser mais diversificado, até porque o distrito da Guarda é rico em muitas modalidades e não se sabe. Não temos uma pessoa a tempo inteiro no desporto, fruto das dificuldades.

P-Como interpreta a sua relação com as fontes de informação?

R- Não tenho uma relação promíscua. Quando as pessoas têm algo a dizer, telefonam-me, informam, dão-me as dicas, e não há aquela tentativa de controlo. Se calhar porque nunca dei aso a isso, é a minha interpretação. Não há aquela tentativa de me influenciar e dizer para encaminhar as notícias para um lado ou para outro. Há um distanciamento para me salvaguardar profissionalmente. Se não fosse isto, não conseguira distinguir aquilo que deveria fazer e a influência dessas fontes. Acho que consegui criar esse distanciamento. Se calhar nalguns casos, este distanciamento também pode ser prejudicial porque a fonte pode ligar a outros jornalistas.

P-Com que tipo de fontes mais lida para produzir informação jornalística?

R- Fontes na área da saúde, política, e tenho alguns contatos na educação.

P-O jornal para que trabalha dispõe de meios informáticos e tecnológicos suficientes?

R- Suficientes sim, o problema é na qualidade. Não houve atualização de equipamento e passamos dificuldades sobretudo na rapidez e celeridade do trabalho.

P- Que impacto tiverem as novas tecnologias na qualidade do seu trabalho?

R- Agora é muito diferente, temos acesso a documentos (DR, leis) através da internet que antes era difícil. Com um simples pode-se tirar uma dúvida, seja residual ou mais complexa.

P- Desloca-se com frequência ao exterior da redação para recolha de informações?

R- Com menor frequência. Agora os meios facilitam o acesso à informação e saímos muito menos. Esta situação prejudica um pouco pode é diferente entrevistar alguém presencialmente ou por correio electrónico. Falar com a pessoa é diferente.

P- Acha que há uma cultura profissional específica da imprensa regional?

R- Diria que sim. Acho que nós temos uma perspectiva diferente de trabalhar em relação aos jornais a nível nacional. Estes têm uma perspectiva mais abrangente e nós temos uma perspectiva mais micro das realidades locais. Acho que se pode falar, de fato, numa cultura do jornalista regional.

P-O que mais destaca, pela positiva e pela negativa, na sua experiência jornalística?

R- Pela negativa a falta de reconhecimento do cidadão pelo nosso trabalho. Saber que as pessoas estão informadas graças ao trabalho que a gente faz. É esse o reconhecimento de que falo. Era importante que as pessoas estivessem informadas, era sinal de que o nosso trabalho estaria a ser reconhecido. Era um sinal de que estamos a cumprir a nossa missão. E isso não acontece, é o lado mais negativo. Do lado positivo, é a tentativa de tentarmos mudar o meio onde estamos. Trabalhamos sobretudo muito para a cidade. Ao levantar determinados assuntos, ao sermos críticos, é uma forma de tentar mudar e ajudar a que as coisas evoluam de maneira positiva. Acordar a sociedade, acordar as instituições e os políticos, pelo lado mais positivo, o que nem sempre se consegue.

P- Houve ganhos nesse sentido, a cidade “acordou” para questões do seu próprio desenvolvimento?

R- Há determinadas valências que estão mais ativas. Também não sei se fomos nós a ter influência, da nossa missão, do nosso trabalho. Por exemplo, em termos culturais a cidade avançou muito. O problema é que a própria cidade também não reconhece essa evolução. Acho que, de um modo geral, evoluiu. O cidadão está mais crítico. Se não houvesse meios de comunicação social regional as pessoas seriam ainda mais acomodados. Esse espírito crítico, umas vezes construtivo, outras destrutivo, também se deve à comunicação social. Acho que fizemos “abandar” e mudar algumas mentalidades. Depois se isso, na prática, se traduz em ação já é outra coisa.

P- Que oportunidades e ameaças enfrenta o jornal que integra?

R- Ameaças financeiras à cabeça. A questão está em saber até que ponto o jornal consegue resistir a essas ameaças financeiras e às influências quer daí advêm. Quem tem dinheiro quereria que os jornais tivessem uma perspetiva informativa do seu interesse. Não sei até ponto o jornal pode continuar a manter essa necessária independência, tendo em conta as limitações financeiras. O dinheiro é o que dá sustento. A nível da redação, apesar de poucos, conseguimos cumprir o nosso papel.

P- Sente-se realizado profissionalmente? Porquê?

R- Não. Porque acho que em todas as profissões se passa por um processo de crescimento, de aprendizagem constante. Todos os dias se deve aprender mais um pouco. Eu, neste momento, não me sinto a crescer. Às vezes até me sinto a estagnar, a regredir. E nem vale a pena falar nas questões financeiras, aí nem vale a pena...Não me sinto a crescer, não me sinto a aprender e até me sinto a embrutecer...Gostava de saltar para outro lado, mas....

Entrevistado: **António Sá Rodrigues (E7)**

Jornal A Guarda

P- O que é para si ser jornalista na imprensa regional?

R- Jornalista de proximidade, estar próximo das pessoas, próximo dos protagonistas que têm peso na região, próximo de quem faz o presente e futuro da região, de quem resolve os problemas. Acho, de fato, que um jornalista da imprensa regional é um jornalista de proximidade.

P- Quais as principais características do jornalismo que faz?

R- Enquanto que na rádio - onde eu já tive também experiência - passamos muito tempo no estúdio, entre quatro paredes, na imprensa escrita ficamos com mais tempo para andar na rua, para contactar com as pessoas. Se pudesse, andava permanentemente na rua. Mesmo quando saio em família, por exemplo, encontro sempre no caminho ou no destino um tema de reportagem. Há aquela proximidade de que falava, passamos a preocuparmo-nos com o território. Quase que fazemos um jornalismo de “soleira de porta”. Aquelas pequenas coisas que escapam aos órgãos nacionais, e para quem não têm interesse nenhum, por vezes têm uma grande importância para a imprensa regional. Nós, por vezes, distraímos-nos um pouco com as questões políticas, com assuntos que dizem respeito às câmaras municipais e esquecemo-nos que a 20 ou 30 quilómetros está uma quinta isolada, com um caminho de terra batida: moram lá pessoas de idade com necessidades médicas, por vezes de urgência, onde não chega uma ambulância ou um carro.

A imprensa regional consegue transportar-nos para essa dimensão da vida das pessoas. Um jornalista da imprensa regional repara em pormenores, enquanto um jornalista que trabalha no panorama nacional não se preocupa com esta questão da estrada, do buraco ao fundo da rua, da casa isolada onde vive gente sem recursos. É, de fato, um jornalismo de proximidade porque nós, quando queremos, podemos estar perto das pessoas. Antigamente havia as relações de proximidade e vizinhança bem definidas, o que tende a acabar, e o jornalista acaba por preencher esse papel. Já demos por nós a fazer reportagens em locais isolados e, depois de terminada, ficamos com as pessoas a conversar mais meia ou uma hora, porque nos falam da vida, dos problemas, das

preocupações, dos filhos... Acabamos por ser também uma espécie de confidentes, de braço que ampara, porque essas pessoas não têm mais ninguém a quem recorrer.

P- Nesse caso, o jornalista não é só um narrador ou coletor de fatos ou acontecimentos, mas é alguém que pode defender causas?

R- Sim. O objetivo primordial do nosso trabalho é narrar os fatos, mas ao lado aparecem essas questões que falávamos antes. Já me aconteceu chegar a uma determinada localidade, cumprimentar as pessoas e, para ganhar a sua confiança, fala-se das relações de amizade ou conhecimento familiar entre fulanos e sicranos. Depois dessa confiança ganha, as pessoas abrem as portas das suas casas e conseguimos entrar até no íntimo delas, de alguns segredos. Depois, as pessoas pedem para voltarmos mais vezes porque gostaram de falar connosco. Conseguimos fazer o nosso trabalho de uma forma objetiva mas, além disso, temos também este papel. Esta questão da proximidade, de dedicar um pouco às pessoas que passam dias e dias sozinhas, também passa por ser o papel social que o jornalista pode desempenhar. Regra geral, por exemplo no caso de um incêndio, o jornalista telefona a alguém a perguntar se já ardeu tudo e se o fogo deu muitos prejuízos, etc. O jornalista da imprensa regional pode pegar neste chavão da proximidade e fazer muita coisa, sem deixar de ser jornalista. Quando regresso à redação para escrever um trabalho sobre alguém que está fragilizado, doente ou com os mais diversos problemas, sou o mesmo jornalista. Mas venho mais rico interiormente, porque ganhei uma nova experiência. Já me aconteceu ir a um local, depois de uma reportagem, só para saber se as pessoas que passei a conhecer estão bem. Às vezes as pessoas já nem se lembram e eu lá digo: sou fulano, foi por minha causa que a senhora foi à televisão! Depois, as pessoas ficam contentíssimas de nos ver e passam a encarar o jornalista não como aquele que vai ali bisbilhotar, mas alguém que vai, sim, para dar conta daquilo que se passa, para denunciar publicamente, para ajudar a resolver problemas, para contribuir para o desenvolvimento do território. Mas também aquela pessoa que, se for preciso, também dá um conselho ou ajuda. Há, para mim, uma vertente bastante humanista e a imprensa regional permite-nos isso. O jornalista de Lisboa não vem à Guarda para fazer uma coisa dessas. Telefona ou, quando vem, vai-se logo embora e não se preocupa com quem está, como ficou ou vai ficar. Não se preocupa com nada disso.

P- Quais são os principais valores pelos quais orienta a sua conduta ética?

R- Desde logo ter em conta os princípios que regem a nossa profissão. Procuro atuar, no meu dia-a-dia, de uma forma objetiva, com bom senso, e não tirar proveito da má sorte alheia. Em determinados assuntos, em vez de os abordar de uma forma negativa, ir lá ao fundo buscar qualquer coisa: a estrada não está feita, essas pessoas estão prejudicadas, mas destacar também que, pelo lado positivo, aquela zona é um paraíso. Mas sempre com a ética e os padrões que a profissão determina.

P- E quais considera serem os valores para os outros OCS da Guarda?

R- Não estou lá para ver. Da apreciação que faço e do *feedback* que me chega, creio que mais ou menos é isto que se passa. Uma pessoa abordou-me há tempos - não sabia que eu estava no jornal *A Guarda* - e dizia-me que gostava do nosso jornal porque trazia histórias de gente e trazia gente lá dentro. Acho que isto diz tudo.

P- Qual a função mais importante do jornal para que trabalha?

R- Informar com rigor e objetividade. Contribuir para o desenvolvimento da região, alertar para assuntos que estão mal, dar a conhecer o que de bom há na Guarda. Um dos problemas da Guarda é a falta de autoestima, as pessoas estão sempre a olhar para Viseu e para a Covilhã e dizem: eles têm e nós não temos, eles têm nós também queremos! Mas nós temos coisas muito boas, que não são valorizadas e passam ao lado de muita gente. E o jornal tem um pouco essa função de mostrar que há aqui coisas com valor, há aspetos novos que urge enaltecer e reconhecer publicamente. Nós estamos numa situação de crise e há razões para acreditar no futuro desta região.

P- Quais os temas ou assuntos que mais correspondem ao perfil do seu jornal?

R- O jornal não deixa de ter aquele vínculo acentuado com semanário católico regionalista. Matérias relacionadas com a Diocese estão sempre presentes, podendo não estar em destaque total. No último número, quando o Padre Moiteiro foi nomeado Bispo [da Diocese de Braga] o jornal dedicou-lhe três páginas. O cariz religioso está sempre presente. Depois dá também algum destaque às questões sociais, de assuntos que preocupam as pessoas, da mobilização por parte da sociedade para atenuar certos problemas sociais, anda também a par da atualidade política da Guarda, também da atualidade cultural. Não podemos esquecer que temos o TMG que é um equipamento de

grande importância e benefício para a região. E depois “pinta” também umas páginas com desporto. Não temos uma grande equipa, mas ao abrir o jornal podemos ler um pouco de tudo, com uns assuntos mais destacados que outros.

P- Como interpreta a sua relação com as fontes de informação?

R- Dou-me bem com as fontes. Ao fim de uns anos temos que ter esse património. Quando estava nas rádios, naqueles períodos do ano mais mortos – o verão com os incêndios ou os malditos acidentes no antigo IP5 – por vezes não conseguíamos arranjar temas para alimentar o fio informativo diário e dizia: já venho, vou dar uma volta! E ao passar por determinados locais, recolhia sempre qualquer coisa. Tinha a noção de que estando ali sentado, ao olhar para a parede ou mesmo pegando no telefone, era mais difícil arranjar notícias do que ir para o terreno e contactar as fontes. Este trabalho de relação com as fontes não se faz de um dia para o outro, leva anos e tem que haver aquela relação de confiança para a matéria nos chegar sem termos em causa a sua origem.

P- Com que tipo de fontes mais lida para produzir informação jornalística?

R- Lido com todas. O cidadão comum dá determinadas dicas, as fontes políticas também. As ditas fontes oficiais continuam, de fato, a ter um peso muito grande no nosso dia-a-dia. Mas se utilizarmos uma balança para colocar o cidadão comum e as fontes oficiais, as coisas tendem a ficar cada vez mais equilibradas porque as pessoas abordam-nos, vêm ter connosco. Umhas vezes dão a cara, outras não e preferem ficar no anonimato. Regra geral, as pessoas falam e assumem a sua denúncia. É uma casa ao lado que está a cair em cima ou o buraco que vai “engolir” o carro, etc. Nos casos em que uma situação é denunciada e noticiada e as coisas se resolvem, as pessoas dizem que foi graças a nós que se precipitou uma solução. Publicar uma notícia pode ajudar a resolver problemas. É também para isso que nós existimos e o jornal é publicado. Pequenas situações que, às vezes, se arrastam nas câmaras, durante anos, acabam por ser resolvidas, na sequência de uma denúncia informativa. O que é bom e traduz aquela necessidade de as pessoas nos abordarem diretamente. Se nos encontram na rua, as pessoas são francas e dão-nos essas referências.

P-O jornal para que trabalha dispõe de meios informáticos e tecnológicos suficientes?

R- O jornal está perfeitamente equipado para responder às necessidades atuais. Nunca estive tão bem como agora. Ainda sou do tempo em que, por exemplo, na Rádio Altitude, escrevia-mos à mão ou então numa pequena máquina de escrever. Era tudo muito lento e demorado. Agora chega-nos um comunicado de imprensa por correio electrónico, fazemos uma cópia e o tratamento de texto no computador. As novas tecnologias vieram ajudar-nos muito.

P- Desloca-se com frequência ao exterior da redação para recolha de informações?

R- Como somos só dois jornalistas e temos 24 páginas para preencher semanalmente, não nos podemos dar ao luxo de estar sempre sentados.

P- O que mais destaca, pela positiva e pela negativa, na sua experiência jornalística?

R- Pela positiva, aquela adrenalina de se ter acesso, muitas vezes, à informação em primeira mão, nua, dura e crua. E depois esculpi-la e servi-la ao leitor. Essa fase ainda me continua a maravilhar. É como quem pega numa rocha de granito, aqui da nossa zona, e esculpe algo maravilhoso. É um pouco essa ideia que tenho. Pegamos na matéria em bruto, trabalhamos-na e depois servimo-la o melhor que podemos e sabemos. Nem sempre é da melhor maneira. O pior é que me sinto uma espécie de “bombeiro”. Há quem pense que ser jornalista não dá trabalho nenhum e não implica responsabilidade nenhuma. Não é assim. Ser jornalista dá, de fato, muito trabalho. Ouvimos uma sirene, ficamos logo em alerta e telefonamos a ver o que se passa. Há uma agitação num sítio qualquer, lá vamos nós. Quando se veste esta “farda” nunca mais se consegue despir. Eu já dei comigo na praia, de férias, com telemóvel desligado, e correr para um ajuntamento de pessoas para ver o que é aquilo em termos informativos. Há sempre aquela ligação permanente. Claro que consigo separar as águas e despir a pele. Criou-se a ideia de o jornalista está sempre a agir como tal e não é verdade. Somos pessoas e cidadãos, e eu sempre soube separar as coisas. Caso contrário não teria amizades. Não podemos ser radicais a esse ponto. É preciso é saber ser e saber estar.

P-Vê interesse jornalístico na identificação de uma agenda dos assuntos que mais preocupam os cidadãos?

R- Vejo muito interesse. Eu, enquanto cidadão, não gosto de futebol. Agora, com o Euro 2012, é só futebol! É matéria que não me interessa. Apetecia-me reclamar novas abordagens sobre temas que realmente interessem e afetem a vida das pessoas. Mais do que nunca, como as coisas estão, e com o leitor e cidadão cada vez mais exigente, é bom que as pessoas comecem a dizer de sua justiça. Porque nós trabalhamos para as pessoas, estamos a prestar um serviço. Se o produto que apresentamos não agrada à comunidade, não pode ser uma mais-valia. Nesse caso estamos a trabalhar para nada. Costumo dizer que existo enquanto jornalista para informar os outros. Vejo com bons olhos que isso possa acontecer: que o jornalismo possa se ditado, também, não todo, pelos assuntos do cidadão.

P- É viável produzir reportagens mais aprofundadas a partir de temas sugeridos pelos cidadãos?

R – Sem dúvida, haver um espaço na imprensa que pudesse ser preenchido ao gosto do leitor. Aceito perfeitamente que as coisas evoluíssem nesse sentido.

P- Acha que essa atitude de maior proximidade com uma “agenda do cidadão” significaria uma perda de independência para si?

R- Não me parece. O jornalista é independente do princípio até ao fim. Não é pelo fato de eu ser teu amigo que não faço uma notícia a teu respeito, por exemplo, seja ela boa ou má. Nunca percebi determinados agentes que reagem desta forma: quando uma notícia é favorável, és um “gajo porreiro”! Quando não lhes é favorável, és a maior “porcaria”! Mas porquê? Eu digo-lhes: só têm que perceber as coisas. Se a notícia é favorável, ótimo, se não é favorável a essa pessoa, tem que assumir. E confesso que nos anos que eu levo disto, tirando uma situação ou outra, nunca fiz inimigos por causa disso. Sempre soube separar as coisas. Limito-me a cumprir o meu papel e procuro ser fiel às normas que regem a atividade.

P- Que significado dá ao termo proximidade no contexto do seu trabalho?

R- É estender a mão e ter ali qualquer coisa para me segurar. É ter qualquer coisa a que me pudesse agarrar em caso de necessidade. É ter ali uma presença. Essa ideia de proximidade é o cidadão dizer que precisa, olha para o lado, e está ali o jornal para ajudar.

P- Que oportunidades e ameaças enfrenta o jornal que integra?

R- Uma das oportunidades é alargar um pouco a matriz deste jornal: semanário católico regionalista. Na situação atual, com a concorrência de outros jornais e da própria internet, o jornal não faria mal se alargasse mais essa matriz e voltar a colocar à cabeça os assuntos da Diocese que é grande. Isto sem nunca retirar o olhar dos outros assuntos. Numa altura de crise, acho que será fundamental. Nas ameaças está a rapidez com que a informação circula, a informação fácil, a internet. Já me aconteceu estar numa conferência de imprensa e chegar ao computador e ver logo fotografias no *facebook* e extratos do que a pessoa disse numa página pessoal. É a sensação de que o jornalista já não é preciso para nada. É o cidadão a transformar-se em jornalista, sem ética, sem rigor. É o cidadão a fazer o papel que, durante anos e anos, coube quase exclusivamente ao jornalista. Essa é a maior ameaçada. Num semanário corre ainda ao risco da atualidade. Quando muita informação chega, por correio, à mão do leitor já circulou antes pelas redes sociais, por edições *online*, etc. É a principal ameaça. Os jornais terão que se acautelar e encontrar formas de combater essa ameaça ou que prolifere tanto. Ao cidadão comum já não interessa tanto que a informação lhe chegue pelo jornalista ou pelo vizinho do lado, o que interessa é que chegue. Nós vemos as próprias televisões a passar constantemente imagens amadoras e ninguém põe em causa como foi ou não recolhida e por quem. As pessoas consomem tudo o que lhe colocam à frente. É uma ameaça que na imprensa regional ainda mais se torna evidente, porque o número de leitores está a diminuir, as pessoas cada vez leem menos. Os filhos, na morte dos pais, já não renovam a assinatura. Felizmente, em muitos casos, ainda se mantém aquela tradição de manter a assinatura como forma de receberem em casa o seu jornal. Mas daqui por dez anos não sei como vai ser. Talvez seja necessário rever isto tudo.

Entrevistado: **Francisco Barbeira (E8)**

Jornal A Guarda

P-O que é para si ser jornalista na imprensa regional?

R- É o contato com a realidade de uma região onde nós residimos e o aprofundar de tudo o que existe na nossa zona. Temos a possibilidade de descobrir muitas coisas através do jornalismo regional. Isso é bastante importante.

P- Quais as principais características do jornalismo que faz?

R- Nós temos mais a vertente religiosa, um aspeto que não é desenvolvido pelos outros jornais. Especificamente, divulgamos algumas atividades desenvolvidas pela Diocese e procuramos também divulgar um pouco aquilo que existe em termos de património religioso. Para além disso, não descoramos tudo o que se vai passando nesta região.

P- Quais os temas ou assuntos que mais correspondem ao perfil do seu jornal?

R- Mais especificamente as questões ligadas à Igreja, porque somos um semanário católico regionalista. Mas, como temos leitores de vários setores, temos um pouco o que têm os outros jornais, embora não desenvolvamos muito o desporto.

P- Quais são os principais valores pelos quais orienta a sua conduta ética?

R- Procuramos ser isentos, verdadeiros e procuramos ter uma linguagem muito clara para que as pessoas percebam o que escrevemos e para não leiam nas entrelinhas aquilo que não está lá.

P- E quais considera serem os valores para os outros OCS da Guarda?

R- Julgo que alguns estão mais virados para determinados sectores, como a política, outros para a saúde, mas creio que todos terão essa preocupação de ser corretos no trabalho que fazem.

P- Qual a função mais importante do jornal para que trabalha?

R- Além de informar as pessoas também temos a preocupação de as formar. E por isso apresentamos algumas propostas de artigos de opinião para que as pessoas possam aprender sobre alguns assuntos.

P- Como interpreta a sua relação com as fontes de informação?

R- É bastante boa. O Sá Rodrigues lida para mais com a parte civil. Temos um leque bastante grande de pessoas e instituições que nos facilitam o acesso à informação. Não há grande dificuldade.

P- Com que tipo de fontes mais lida para produzir informação jornalística?

R- Habitualmente tenho mais a parte ligada à Igreja, embora o Sá Rodrigues também trate este assunto para que haja uma visão diferente.

P- Essa especificidade temática de matriz religiosa, com um agendamento diferente dos outros, confere ao jornal alguma vantagem?

R- Temos a facilidade de chegar a um público diferente. Tenho a certeza que há uma grande percentagem de pessoas que assinam o jornal por causa desse aspeto. Houve uma altura que estávamos muito ligados à componente religiosa mas, neste momento, alargamos o leque temático para captar novos leitores. Não podemos chegar a todas as pessoas se levarmos apenas uma coisa específica. Aproveitando aquilo que tínhamos de bom, estamos a tentar chegar a outro tipo de público, para que a outra mensagem seja mais facilmente assimilada. A mensagem da Igreja é mais facilmente assimilada se houver outra mensagem paralela. Estamos a preparar um grafismo diferente a pensar nesse aspeto – entregámos o projeto a uma empresa nacional - a ver se conseguimos captar novos leitores.

P- É uma reação à perda de leitores ou à crise generalizada de vendas que afeta o setor dos jornais?

R- Houve uma altura em que perdemos assinantes. Neste momento estamos a ganhar novamente assinantes. Estamos a ter muita gente nova a assinar o jornal, não sei se à procura de oportunidades de emprego mais próximas. Seja por que for, ainda há gente que procura informação nos jornais. Ao contrário do que possa parecer, apesar dos tempos complicados em termos financeiros, o jornal *A Guarda* tem novos assinantes todas as semanas. Nem que seja um dois, três. Significa que o jornal está a crescer. As pessoas que assinam o jornal fazem-no porque o querem receber e o querem ler. E são pagantes. Nós não enviamos o jornal sem ser a pessoas que fazem o pagamento da assinatura. Isso está explícito na forma como tratamos o assunto. Não nos

envergonhamos de publicar os nomes dos assinantes que pagam e o nome dos novos assinantes. Isso tem-nos ajudado a manter as assinaturas em dia. Publicamos cerca de 30 a 40 nomes por semana, desde o início do ano [2012]. Queremos que as coisas sejam claras, ainda não vimos mais ninguém a fazer isto e estamos contentes com o resultado. Neste momento, temos cerca de 2500 assinaturas pagas. São de todo o país e de fora do país (França, Espanha, Luxemburgo, Itália, Suíça e fora da Europa no Brasil, nas antigas colónias portuguesas). O grande número de assinaturas é mesmo dentro da cidade da Guarda e, por isso, não vendemos tanto nos quiosques. Mas apesar desse número de assinantes, nos últimos dois meses tivemos duas edições esgotadas, não ficámos com nenhum jornal.

P- O jornal para que trabalha dispõe de meios informáticos e tecnológicos suficientes e que impacto tiveram essas tecnologias na qualidade do seu trabalho?

R- Tiveram muito impacto. Torna-se muito mais fácil trabalhar, em termos de interligação entre as pessoas que constituem a equipa do jornal. Foi um fator essencial para o desenvolvimento do projeto. Demorou, é um fato. Mas neste momento estamos a caminhar bem, no sentido de ainda aperfeiçoar as coisas. Se falhassem as novas tecnologias, creio que falhava o projeto. Todo. Já não estamos habituados a fazer o jornal como acontecia há uns anos atrás. As coisas estão totalmente diferentes do que há dez anos. Nós imprimíamos aqui o jornal [Gráfica Veritas] e neste momento fazemos a paginação, enviamo-lo para a gráfica e no dia seguinte temo-lo cá. Coisa que era impensável antes, quando fazíamos o trabalho na nossa tipografia.

Noutro aspeto, disponibilizamos os conteúdos *online* mas fora de tempo, deixamos uma margem de tempo para as pessoas comprarem o jornal e lerem. Futuramente poderemos avançar na assinatura paga nas edições online. É um aspeto a estudar no futuro.

P- Dessa relação entre a tecnologia e o trabalho jornalístico, desloca-se com frequência ao exterior da redação para recolha de informações?

R- É verdade que se nos acomodarmos, e não fizermos um pouco de esforço, acabamos por fazer o jornal sem sairmos da redação. Porque chega-nos tudo. Tivemos o cuidado de avançar com novas secções, sobre a área da solidariedade social, algumas das tradições e costumes aqui da região e temos ido aos locais, o que sido bastante

proveitoso. O contato direto é muito diferente. Mas se quisermos fazer tudo a partir da redação é hoje possível. Para além da agenda normal, temos essa preocupação de ir aos locais e fazer coisas diferentes. Esse tipo de trabalho tem muita aceitação, muita mesmo.

P- Acha que há uma cultura profissional específica da imprensa regional (IR)?

R- Julgo que a IR está muito mais próxima das pessoas, das suas realidades. Os nacionais preocupam-se muito mais com temas dos grandes centros urbanos, Lisboa e Porto e pouco mais que isso.

P- O que mais destaca, pela positiva e pela negativa, na sua experiência jornalística?

R- Pela positiva, o jornalismo tem-me ajudado no contato direto com várias realidades, com pessoas, com instituições, com a sociedade em geral. Nos aspetos negativos, destaco o fato de as pessoas não conseguirem, muitas vezes, ver para além do umbigo: se não falamos delas, o jornal já não presta. Há pessoas que pensam que só elas existem e nada mais existe para além delas. Isso não é verdade. É preciso fazer uma determinada seleção. Procuramos diversificar para não cair na monotonia de trazer as mesmas coisas. Não é fácil mas tentamos.

P- Que papel desempenha o seu jornal na sociedade local e regional?

R. O jornal acaba por ser uma fonte de divulgação de muitas coisas que, sem ele, não existiam. Mas não se consegue tudo. É um fato que os jornais regionais estão limitados, em termos humanos e técnicos. Por isso, temos de nos socorrer, muitas vezes, de algumas coisas que as pessoas acabam por não perceber. Não entendem porque fazemos isto e não aquilo. Não é fácil.

P-Vê interesse jornalístico na identificação de uma agenda dos assuntos que mais preocupam os cidadãos?

R- Procuramos ir de encontro às preocupações das pessoas. Por exemplo, a questão do hospital, que preocupa bastante a comunidade em geral, ou a questão da extinção anunciada das freguesias. Sabemos, à partida, que esses aspetos interessam às pessoas e procuramos falar sobre eles.

P-É viável produzir reportagens mais aprofundadas a partir de temas sugeridos pelos cidadãos?

R- Claro, sem dúvida.

P- Acha que essa atitude de maior proximidade com uma “agenda do cidadão” significaria uma perda de independência para si?

R- Não. Depende da forma como nós sabemos ou não lidar com essa situação. O fato de haver uma sugestão, de nos alertarem para determinados assuntos não significa que nos subjuguemos a eles.

P- Que significado dá ao termo proximidade no contexto do seu trabalho?

R- Significa estar atento aquilo que se passa aqui na nossa zona, na nossa realidade. Estar próximo significa que, no momento certo, somos capazes de ir ao local, de fazer notícia, de divulgar e ir ao encontro do que as pessoas estão à espera.

P- Que oportunidades e ameaças enfrenta o jornal que integra?

R- Se soubermos aproveitar bem aquilo que temos ao nosso dispor, penso que podemos ainda crescer mais. Atualmente não é fácil. Tivemos aqui mais de 30 funcionários, quando a gráfica da Casa Veritas estava no ativo. Hoje são apenas 9 pessoas na estrutura. No jornal, somos apenas dois jornalistas. Estamos a mudar a imagem gráfica do jornal, porque está muito pesada, para que haja mais facilidade na leitura. De resto, perante a conjuntura atual, não pensamos avançar com grandes investimentos nem com a admissão de novas pessoas. Gostávamos de ter mais gente a trabalhar aqui, mas é muito difícil. Mas acreditamos que as coisas podem levar um rumo diferente. Para mantermos 24 páginas torna-se complicado. A Guarda ainda tem três jornais a sair no mesmo dia, com preços de publicidade mais baixos do que noutros distritos, e, por isso, torna-se complicado. Não sei se continuaremos a ter, por muito tempo, três jornais como agora. As novas tecnologias afastaram as pessoas da leitura dos jornais. Nós estamos a lutar com dificuldades financeiras, mas tentamos ultrapassar. E os outros também devem ter essas dificuldades. Temos pedido a ajuda do Sr. Bispo para implementar algumas alterações, em termos de orientação e não financeiramente. Ele é muito claro: Se estamos no mercado e não temos resultados positivos, as coisas não se podem manter. Nós vivemos à base de assinaturas e desde que o Porte Pago foi alterado

as coisas são mais difíceis. Todos se queixam. Creio que, dentro de dez anos, os jornais regionais no país estarão reduzidos a metade. E muitos deles estão a manter os projetos porque estão ligados a instituições, como nós. Temos dificuldade na angariação de publicidade, não temos ninguém a fazer esse trabalho na rua.